

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

Juliana Campos Schmitt

**Condições de trabalho dos professores da Educação Básica durante a pandemia
Covid-19: uma revisão integrativa da literatura a partir da base SciELO**

Juiz de Fora
2022

Juliana Campos Schmitt

Condições de trabalho dos professores da Educação Básica durante a pandemia Covid-19: uma revisão integrativa da literatura a partir da base SciELO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção da licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dra. Elita Betânia de Andrade Martins

Juiz de Fora
2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Schmitt, Juliana Campos .

Condições de trabalho dos professores da Educação Básica durante a pandemia Covid-19 : uma revisão integrativa da literatura a partir da base SciELO / Juliana Campos Schmitt. -- 2022.
55 f.

Orientadora: Elita Betania de Andrade Martins
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, 2022.

1. Condições de trabalho. 2. Professor. 3. Covid-19. I. Martins, Elita Betania de Andrade, orient. II. Título.

Juliana Campos Schmitt

Condições de trabalho dos professores da Educação Básica durante a pandemia Covid-19: uma revisão integrativa da literatura a partir da base SciELO

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção da licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 17 de agosto de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Elita Betânia de Andrade Martins – UFJF
orientadora

Prof. Dr. Rubens Luiz Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado coragem para enfrentar todos os obstáculos da minha caminhada! Sem ele nada seria possível!

Ao meu pai Deolindo Schmitt (*in memoriam*), meu amor eterno, que sempre se orgulhou de mim nos estudos e me incentivou. Quanta saudade, papai! Amo você!

A minha mãe Nilza de Oliveira Campos Schmitt, minha fonte de abrigo e de amor, nunca me fez desistir de lutar pelos meus sonhos. Sempre acreditou em mim! Amo você, mamãe!

A minha amada filha Catarina Campos Schmitt, fonte de alegria, ternura e minha inspiração diária para nunca desistir de lutar! Meu amor eterno!

Ao meu amado irmão Jerffeson Campos Schmitt, que sempre me apoiou nos estudos e torceu pelo meu sucesso! Amo você!

A minha psicóloga Andréa Oliveira Mendes, com sua escuta sensível em minhas lutas diárias! Obrigada por todo apoio e carinho! você foi muito importante durante minha formação.

A querida Prof^a orientadora Dra Elita Betânia de Andrade Martins, pela confiança e orientação neste trabalho! Sempre embarca nas minhas ideias! Muito obrigada!

Aos professores do curso por todos os ensinamentos durante a minha formação acadêmica! A querida Priscila Reis Vieira, pela amizade, parceria e confiança nos trabalhos realizados durante a graduação! Você é orgulho e inspiração.

Ao Prof. Dr. Rubens Luíz Rodrigues, por ter aceitado avaliar este trabalho.

Ao grupo de pesquisa GESE/UFJF por todos os ensinamentos e produções científicas!

E por fim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação acadêmica!

RESUMO

O trabalho dos professores da educação básica foi alterado durante a Covid-19, tendo que se reinventarem para lecionar *on-line*. Durante a pandemia, pesquisas foram realizadas sobre as condições de trabalho da categoria. Assim, no presente estudo realizou-se o levantamento bibliográfico da literatura brasileira com objetivo de identificar os estudos realizados de 2019 até metade de 2022 e traçar um paralelo das pesquisas encontradas com a realizada pelo Grupo de Estudos em Sistemas de Ensino (GESE). O levantamento bibliográfico resultou em 34 estudos; após a aplicação de critérios pré-estabelecidos foram selecionados apenas 6. Concluiu-se que todos os estudos apontaram para o aprofundamento da precarização docente e os dados de maneira geral, convergiram com os levantados pelo GESE.

Palavras-chave: Condições de trabalho. Professor. Covid-19.

ABSTRACT

The work the Basic Education Teacher's was changed during Covid-19. They have had to reinvent themselves to teach online. During the pandemic, it some researches were conducted into the working conditions of the category. Thus, in the present study, a bibliographic survey of Brazilian literature was conducted to identify the studies conducted from 2019 to mid-2022 and to draw a parallel between the researchers found in this survey and the study by Grupo de Estudos em Sistemas de Ensino (GESE). The bibliographic survey resulted in 34 studies. It was applied preestablished criteria. Then, it was only 6 studies selected. It was concluded that all studies pointed to the deepening of teaching precariousness and, the data, in general, converged with those raised by GESE.

Keywords: Working conditions. Teacher. Covid-19.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
INTRODUÇÃO	11
MÉTODO	18
RESULTADOS	18
DICUSSÃO DOS ESTUDOS	20
CONSIDERAÇÕES	44
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE	53

APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi produzido em formato de artigo e motivado pela minha participação no Grupo de Estudo em Sistemas de Ensino (GESE), da Faculdade de Educação, UFJF, coordenado pelas Professoras Dra Elita Betânia de Andrade Martins e Dra. Alessandra Maia Lima Alves.

Sabe-se que, em tempos de pandemia Covid-19, o trabalho pedagógico remoto foi implementado em muitas escolas por todo o Brasil, frente à medidas de *lockdown* como alternativa possível de enfrentamento do vírus. Sem a descoberta da vacina, trabalhar presencialmente tornou-se uma ação impossível em tempos de pandemia.

No Brasil, as aulas presenciais foram suspensas por tempo indeterminado em todo o território. Dessa forma, as escolas ficaram autorizadas a realizar “atividades letivas que utilizem recursos educacionais digitais, tecnologias de informação e comunicação ou outros meios convencionais” (Brasil, 2020, p.1), assim denominadas de Ensino Remoto Emergencial (ERE).

A partir dessa possibilidade, muitos professores passaram a lecionar sem a devida formação necessária e aparato tecnológico, sendo os próprios responsáveis pela sua capacitação e instrumentos de trabalho, inclusive pelo espaço físico para lecionar, que muitas vezes, era algum cômodo de sua própria casa, com “relógios sem ponteiros” porque a sua jornada de trabalho era sem limites. Diante desse contexto, em 2020, o grupo GESE iniciou uma pesquisa intitulada “O exercício da docência em contexto de pandemia”, cujo objetivo era investigar as condições de trabalho dos professores da educação básica durante a pandemia Covid-19.

Pautados em Ball e Bowe (apud Mainardes, 2006) de que “os profissionais que atuam nas escolas não são totalmente excluídos dos processos de formulação ou implementação de políticas” (p.50) e qualificados como sujeitos ativos na interpretação e reinterpretação das políticas educacionais, nos vimos, naquele momento, enquanto grupo de pesquisa, em uma necessidade urgente de análise e registro de dados sobre o trabalho do professor situado em um contexto de pandemia, pois era importante identificar os efeitos de remodelagem do ensino no trabalho docente.

A pesquisa ocorreu *on-line* e via telefone, tendo em vista o isolamento social. Para seleção da amostra utilizamos a técnica Snowball sampling ou bola de neve, os participantes,

professores da educação básica, lecionavam na cidade de Juiz de Fora (Minas Gerais). O estudo apresentou duas fase: aplicação de questionário via *Google Forms*.

Foram 110 respondentes e 2) entrevistas: dentre os 110 respondentes do questionário, 7 foram entrevistados em 2 períodos diferentes: maio a agosto de 2020 e, setembro e novembro de 2021. Os dados da pesquisa vem sendo analisados a partir das contribuições de Fairclough (2016) sobre como os discursos (produtos escritos ou falados) podem contribuir para a construção de práticas sociais.

Assim, este artigo é um levantamento de estudos na SciELO com critérios de busca predefinidos, com objetivo de identificar e descrever os estudos que abarcaram a temática condições de trabalho do professorado da educação básica durante a pandemia; verificar o número de estudos que contemplaram o tema, o delineamento, os principais achados, entre outros aspectos. Além disso, a possibilidade de traçar um paralelo dos estudos encontrados com a referida pesquisa realizada pelo GESE (2020).

1. INTRODUÇÃO

A pandemia do Sars-Cov-2, Covid-19, com o primeiro caso registrado em 25 de fevereiro de 2020, afetou a dinâmica de trabalhadores de diversos contextos, inclusive dos professores, que se viram obrigados a dar conta das demandas impostas pelo isolamento social, pois sem acenar com exatidão sobre como conter de forma definitiva a propagação do vírus, as autoridades internacionais recomendaram que os governos adotassem o isolamento como medida de contingência para freá-lo.

Primeiramente, cumpre destacar que as aulas presenciais foram suspensas e a Medida Provisória 934/2020 flexibilizou a obrigatoriedade do cumprimento de dias letivos. A Portaria nº. 343, de 17 de março de 2020, possibilitou que as escolas fizessem uso de meios e Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), com objetivo de cumprir “a educação é direito de todos”, uma obrigação constitucional, conforme o artigo 205 da Carta Magna (1988). Destaca-se que essa medida era optativa, contudo as escolas pressionadas pelos responsáveis dos alunos, sobretudo, os da rede privada, temendo a redução ou o não pagamento das mensalidades ofertaram as aulas de modo *on-line*, o que era um motivo plausível para que o valor pago a elas não fosse interrompido ou reduzido.

Em segundo, sublinha-se que nas escolas públicas o ensino não presencial também foi implementado, pois além dos governantes sentirem-se na necessidade de dar satisfação à opinião pública, alguns estavam ligados a grupos empresariais com interesse no mercado da educação básica e aproveitaram para expandir a ideia de educação *on-line*; era uma oportunidade de expansão da oferta de aulas por meio de plataformas, tais como *Microsoft, Google, Zoom, Facebook* (MARTINS et al., 2021).

É impescindível pontuar que, quando implementada a nova modalidade de ensino, 55,9% dos domicílios no Brasil não tinham computadores e, 99,2% dos que possuíam internet a acessava por meio do celular (IBGE, 2020). Ressalta-se que professores da educação básica estão incluídos nessa estatística, visto que 9 a cada 10 deles fazia uso do celular para lecionar remotamente (GESTRADO, 2020).

A adoção dessa nova modalidade de ensino, o Ensino Remoto Emergencial (ERE)¹, foi implementada sob forte contestação dos profissionais da educação e de seus sindicatos, especialmente, na esfera pública, visto que se deu de modo aligeirado, sem debate acerca das garantias de acesso de alunos e professores às TICs, desconsiderando as condições de trabalho as quais o professorado foi submetido durante a pandemia ((PREVITALI; FAGIANI, 2020).

Em meio ao ERE ainda houve a disseminação da informação por empresas de cunho educacional de que a sua implementação acarretaria em mais tempo livre aos professores (PREVITALI; FAGIANI, 2022). O que na realidade não se confirmou, tendo em vista a sobrecarga de trabalho desses profissionais², envolvidos no desenvolvimento de atividades digitais que fugiam à sua lógica de formação profissional; com maior demanda de organização e planejamento; processo avaliativo diferente daquele em que estavam habituados; acompanhamento da aprendizagem de seus alunos à distância, entre outros.

Além disso, as redes de ensino, na cidade de Juiz de Fora (Minas Gerais), por exemplo, iniciaram suas atividades remotas em períodos diferentes: a rede estadual em maio, a municipal de forma mais sistematizada em agosto e a privada no final de março. Assim, o ERE não ocorreu de modo homogêneo nos diferentes estados e cidades do Brasil.

Na cidade supracitada, a própria configuração de ensino se diferiu em relação as redes públicas. A rede estadual fazia uso de um canal de TV e Planos de Estudos Tutorados (PETs), isto é, apostilas com o conteúdo das disciplinas e ainda uma plataforma digital. A rede municipal utilizou diferentes ferramentas (TV, plataformas, atividades impressas) como parte do Programa “Cadinho de Prosa”, o qual no primeiro semestre priorizou atividades que fortaleceram o contato entre escola e comunidade, sem uma preocupação mais específica com o conteúdo (SCHMITT et al., 2022). Dessa forma, o trabalho em mais de uma escola, e ainda, de redes diferentes trazia maior sobrecarga aos professores.

Ainda, conforme orientações do Ministério da Educação, as secretarias municipais e estaduais de educação exigiram da categoria a elaboração de materiais, como tutoriais, que orientassem os estudantes, pais e responsáveis sobre como auxiliar o alunado nas atividades em casa, além da elaboração das planilhas virtuais, de conteúdo. Sublinha-se que em Minas Gerais, as exigências ocorreram em meio a uma greve, desde o começo do ano letivo, em

¹ “modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotado nos diferentes níveis de ensino” (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p.08)

² Vários estudos dentre os quais o desenvolvido pelo grupo GESE, do qual participo, indicaram sobrecarga de trabalho docente durante o ERE. ³ Intitulada “O exercício da docência em tempos de pandemia”, será indicado o ano de 2020 porque foi neste ano que a pesquisa teve início.

2020, como principais motivos o pagamento do Piso Nacional da Educação e do 13º salário de 2019 (PREVITALI; FAGIANI, 2020a).

Em razão das redes terem iniciado o ERE em tempos distintos, seria razoável pensar que isso poderia contribuir para que os professores tivessem tempo para se prepararem paulatinamente para o ERE em cada uma delas. Mas, a pesquisa do GESE³ (2020) revelou o contrário, pois eles dedicavam o tempo que tinham para a preparação de materiais e melhor atender os seus alunos nessa nova modalidade de ensino. Milena³, participante da pesquisa, em entrevista, apontou:

estamos fazendo um banco de horas. Então eu fico de 13:00 às 17:00 e nesse horário eu dou as minhas aulas, mas eu tenho que estar presente nas aulas dos outros professores porque caso aconteça algum problema de áudio, de conexão, de problemas ali na própria plataforma, eu tenho que estar disponível pra poder auxiliar esse professor (...) (Milena, entrevista 1, 13 de Maio de 2020).

(...) “então você calcula que em média, você tá trabalhando 9 horas?” (entrevistador, entrevista 1, 13 de Maio de 2020).

é mais ou menos isso, porque juntando o planejamento, tudo que a gente tem que fazer, dá mais ou menos isso” (Milena, entrevista 1, 13 de Maio de 2020).

Os dados acima se referem ao trabalho de Milena em apenas uma das escolas em que lecionava durante o ERE. Sua carga horária intensificou-se ainda mais, a partir do momento em que a outra rede em que atuava também iniciou suas atividades remotamente.

Pontua-se que para dar continuidade as atividades escolares, os docentes sofreram alteração no ritmo e jornada de trabalho, que extrapolava a carga horária que deveria ser cumprida (SCHMITT et al., 2022), as suas casas, local de descanso e lazer, se transformaram, nas palavras de Martins et al., (2021) em uma empresa sem CNPJ. Jorel, em entrevista concedida à pesquisa GESE (2020) expressou

Então assim...é... (pensando), assim como tem acontecido nos outros dias, parece que... eu já amanheço com um certo cansaço. De ter que... acho que principalmente pelo fato da gente tá trabalhando na nossa casa, então é... (pensando). Eu trabalho no meu computador de mesa, dentro do meu quarto, então, o meu quarto que era meu local de descanso, virou meu local de trabalho. Então, isso gera uma...(pensando) sobrecarga é de certa forma...então, a gente já tá ali na cama, já olhando pro computador. Já

³ nome fictício a fim de manter o anonimato. Todos os nomes próprios que se referem aos participantes são fictícios.

levanta indo procomputador, praticamente todos os dias é assim. Já levanta com um certo cansaço, mental de iniciar novamente aquela rotina de computador e de aula online. (Professor Jorel, entrevista 2,17/06/2020)

Segundo Pessoa, Moura e Farias (2021) o ERE comprometeu o tempo social das professoras em virtude da ampliação, intensidade e condições de trabalho, pois

as obrigações sociais e as práticas de lazer passam a coexistir no mesmo tempo e espaço. O lar passou a se configurar como um ambiente de múltiplas dimensões sociais e o único lugar seguro para viver socialmente (PESSOA; MOURA; FARIAS, 2021, p. 03).

As tarefas da docência ocuparam o lugar das tarefas domiciliares, as mulheres da categoria, sobremaneira as responsáveis pelos afazeres domésticos (IBGE, 2020), tinham que conciliar as tarefas da docência com as da casa, como o cuidado dos filhos. Oliveira (2020) salienta que “as mulheres sentem-se afetadas pelos rumos que a vida doméstica vem tomando nesse espaçotemporalidade da pandemia. “[...] A educação (domiciliar, à distância) soma-se a esta carga de preocupação que acaba por se agravar quando mães são também professoras” (OLIVEIRA, 2020, p.160). O ambiente doméstico assumiu completamente a carga laboral, diante do ERE (PESSOA; MOURA; FARIAS, 2021).

Dados do questionário, aplicado pelo GESE (2020), corroboram a afirmação de Oliveira (2020) e Pessoa et al., (2021) no item 6.1⁴, em que é solicitado aos participantes que relatem as suas dificuldades no processo de ministrar aulas em tempos de afastamento social devido a pandemia:

A maior dificuldade é conciliar o ensino remoto aos afazeres domésticos e ao ensino das minhas filhas (Prof. 60⁶, item 6.1, questionário, mai-ago/2020)

As demandas corriqueiras de um professor (planejamentos de aula, atividades, correções, reuniões etc) não permaneceram iguais às de antes. Houve um acréscimo substancial nas horas trabalhadas durante os dias e, portanto, um acúmulo de tempos não remunerados. São mais horas dedicadas as escolas (entre planejamentos e reuniões) e menos tempo para cuidar da mente e corpo. Ainda tem sido complicado conciliar as horas de lazer e trabalho, pois agora o meu lugar de descanso (minha casa) foi transformado em local de trabalho. Às vezes penso em sentar no escritório e

⁴ Item 6.1 “Relate suas dificuldades e facilidades neste processo de ministrar aulas em tempos de afastamento social devido a pandemia de COVID-19” ⁶ Para os questionários foram atribuídos números aos professores participantes para não identificá-los.

me distrair com uma leitura qualquer, mas quando vejo estou mergulhado em mais afazeres docentes. (Prof. 54, item 6.1, questionário, mai-ago/2020).

Sabe-se que neste contexto de ERE, os professores se viram obrigados, além de fazer adequações no seu espaço-tempo, a reinventar a sua didática e lecionar a partir das tecnologias e recursos disponíveis naquele momento. Professores, que, em sua maioria, trilharam a sua profissão com repertório de aulas presenciais com pouca ou nenhuma experiência em ensino *on-line*. A resposta de uma professora, participante da pesquisa do GESE (2020), ao item 6.3⁵ do questionário evidenciou como ela se sentia ao exercer a docência em tempos de pandemia:

Perdida. Estou sendo obrigada a trabalhar de uma forma em que sou cobrada, mas não tenho o suporte necessário (Professor 33, item 6.3, questionário, mai-ago/2020)

Outro participante da pesquisa expressou, em resposta ao item 6.1 as suas maiores dificuldades durante o ERE:

Dificuldades em usar a plataforma oferecida pelo colégio, pois é muito técnica e pouco intuitiva. Inibições para gravar aulas. Dificuldades em compreender e utilizar a tecnologia envolvida em videoaulas (Professor 11, item 6.1, questionário, mai-ago/2020)

Dados da pesquisa do Instituto Península “Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios de Coronavírus” (2020) evidenciaram que 54,5% dos professores participantes não receberam formação da escola para auxiliá-los no exercício de sua profissão durante o ERE e 22,7% adquiriu equipamentos para lecionar com recursos próprios. Na pesquisa do GESE (2020), os participantes também afirmaram não receber ajuda. O que poderia acarretar em dificuldades por parte dos professores na execução de seu trabalho, como pontuado em entrevista pela professora Bia:

[...] então a gente passou esse ... de quinta até domingo, montando material, só que a gente começou, todo mundo enxertar material, colocar material no (nome da plataforma), colocar (risos), de repente o (nome da plataforma), parava, bloqueava, sumia o material, ficava, ficava...A gente ficava sem ter recurso, é... perdia coisa que a gente tinha feito. Então, os primeiros materiais a gente perdia, a gente não tinha as vezes feito backup, que era

⁵ Item 6.3 “Como você se sente tendo que exercer a docência em tempos de pandemia? Explique.

burrice, né? Feito direto no (nome da plataforma). Nunca se deve fazer isso! Mas, a gente como tá, no desespero, a gente faz tudo que não deve que fazer. Aí, depois a gente, agora a gente aprendeu, tudo que a gente faz, faz, tem backup de tudo, né?! (Professora Bia, entrevista 1, 28/05/2020)

Dados do estudo da Nova Escola, “A situação dos professores no Brasil durante a pandemia” (BIMBATI, 2020), corroboram aqueles levantados pelo GESE (2020) em relação a dificuldade do exercício da docência virtualmente, especialmente, na educação infantil, destacando a referida etapa de ensino como aquela com menor participação dos alunos, apesar de 18% dos professores terem afirmado não estar trabalhando com as crianças no momento da coleta de dados; 51% pontuou que poucas crianças participavam das atividades, talvez isso se justifique devido aos limites do uso de tecnologia para essa faixa etária, sendo necessário o acompanhamento de terceiros.

Por último, mas não menos importante, destaca-se que os professores não tinham a mesma autonomia, como no ensino presencial, sentiam o seu espaço de trabalho invadido, com presenças constantes de terceiros em suas aulas *on-line* (pais, responsáveis etc.), que, muitas vezes, faziam intervenções inapropriadas, como revelou a resposta ao questionário do GESE (2020) de um participante, item 4.3⁶, quanto a participação dos pais no processo ensino aprendizagem dos filhos durante o ERE:

De várias maneiras. Ler e pedir para a criança repetir, escrever para a criança, responder os questionamentos durante as aulas, apagar o que que erram, interferência até na hora de colorir. E o pior, quando discutem ou chamam atenção das crianças em frente aos demais da turma e sem desligar o microfone (Professor 74, item 4.3, questionário, mai-ago/2020).

Mas, ao mesmo tempo que havia interferência de outras pessoas, os professores se sentiam solitários durante as aulas, como evidenciado na resposta de um dos participantes ao questionário elaborado pelo GESE (2020)

Dificuldade de conseguir ter acesso a todos os alunos. O contato faz toda a diferença no processo de ensino aprendizagem. (Professor 71, item 6.1, questionário, mai-ago/2020).

⁶ Item 4.3 “Você tem percebido a interferência dos pais na realização das atividades? Em caso afirmativo, de que forma? Como acontece?”

Segundo Valle e Bohadanna (2017) a falta de interação nas aulas remotas tende a transformar os envolvidos na experiência pedagógica em agentes impessoais, parecendo exigir maior esforço para convocar os alunos para a aprendizagem.

Assim, é notório o esforço do professorado para garantir um processo ensino aprendizagem de qualidade, mas, ainda foram julgados por líderes do governo, como Ricardo Barros que afirmou, em entrevista⁷, dia 20 de abril de 2021 ao CNN, “(...) É um absurdo a forma como estamos permitindo que os professores causem tantos danos às nossas crianças na continuidade da sua formação. O professor não quer se modernizar, não quer se atualizar. Já passou no concurso e está esperando se aposentar, não quer aprender mais nada.”; “não querem trabalhar.”

Diante dessas informações, para a realização do trabalho de conclusão de curso, optou-se por realizar uma revisão integrativa da literatura a fim de mapear, identificar e evocar reflexão acerca dos estudos brasileiros produzidos durante a pandemia Covid-19 sobre as condições de trabalho do professorado da educação básica, e, em consequência disso, verificar se os achados dos estudos corroboram os dados encontrados pelo GESE (2020).

2. MÉTODO

A revisão integrativa da literatura objetiva compreender uma determinada temática em profundidade a partir de estudos já realizados. Desse modo, permite que as pesquisas publicadas sejam sintetizadas em um único artigo, seguindo metodologia criteriosa de acordo com etapas bem descritas.

Foram realizadas duas buscas na base de dados SciELO no dia 22 de julho de 2022, cujo campo selecionado foi “todos os índices”, considerando estudos publicados de 2020 a 22 de julho de 2022, com filtro Brasil. Os descritores utilizados para a busca foram: “trabalho AND docente AND pandemia” para a primeira busca e “trabalho AND docente AND Covid-19” para a segunda.

A seleção dos artigos foi norteada pelas perguntas “Quais os tipos de estudos realizados no Brasil durante a pandemia Covid-19 com foco nos professores da educação básica e suas condições de trabalho” e “os estudos encontrados trataram das condições de

⁷ <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/04/20/ricardo-barros-governo-critica-professores.htm>

trabalho dos professores aliada à sua saúde?” Para a seleção dos artigos foram incluídos estudos cujos participantes eram professores da educação básica e que tratassem do tema: condições de trabalho na pandemia, excluindo-se estudos não brasileiros. Para organização e análise foi elaborada uma tabela descritiva, extraindo dados, tais como: objetivos, método, caracterização da amostra e conclusão dos estudos.

3. RESULTADOS

A busca resultou em 34 estudos, sendo que na primeira foram encontrados 21 artigos e na segunda 13. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 6 estudos e 15 excluídos; 13 eram repetidos: 1 estudo apareceu duas vezes na primeira busca e comparando a primeira com a segunda busca houve 12 estudos que apareceram tanto na primeira quanto na segunda. A seguir a ilustração da busca 1 e 2:

Fonte: SciELO/busca 1

Fonte: SciELO/busca 2

15 estudos foram excluídos porque não abarcavam a temática. São eles: 1) Gonçalves e Souza (2022) traz os impactos do ERE na docência no Serviço Social; 2) Guimarães et al. (2022) avaliam os sintomas osteomusculares e os riscos ergonômicos dos ambientes de trabalho dos docentes do Instituto Federal Catarinense; 3) Melo et al. (2022) investigam a opinião de um grupo de estudantes de Física a fim de traçar um panorama sobre os desafios enfrentados por universidades brasileiras no ensino remoto; 4) o estudo de Ferreira et al. (2022) é um relato cujo objetivo é compartilhar a aprendizagem interprofissional a partir da experiência de um Projeto Terapêutico Singular para um caso complexo dentro das atividades do PET-Saúde de uma universidade da Região Centro-Oeste; 5) Salas-Rueda et al. (2022), estudo não brasileiro, analisam a percepção de professores sobre jogos para *web* e dispositivos móveis durante o contexto de Covid-19; 6) Schwal (2022), estudo não brasileiro, descreve a partir de entrevistas com os professores de ensino médio sobre suas percepções e experiências de ensino durante a pandemia em 2020 e 2021; 7) Rodrigues (2021) traz reflexão sobre o Coronavírus atrelado a políticas no Brasil; 8) Deltell e Claes (2021), estudo não brasileiro, analisa se a literatura produzida durante a pandemia, em um dado corte temporal, em relação ao Covid-19 é produzida a partir de referências científicas e sanitárias ou da imprensa em geral; 9) Barreto (2021) faz uma análise crítica do discurso trazendo referências à escola em meio à pandemia, em seus aspectos semânticos, sintáticos e pragmáticos; 10) Aranda (2021) discute usos e práticas de linguagem que promoveram a interação colaborativa e participação entre estudantes de graduação em plataformas usadas para a educação de forma *online*; 11) Pereira et al. (2021) compreendem de que forma o alunado estagiário (re)configurava as suas práticas docentes (observação e regência) no estágio supervisionado no ensino remoto; 12) Souza et al. (2021) refletem como os professores de graduação em Enfermagem vivenciavam as atividades de seu trabalho em contexto de COVID-19; 13) Troitinho et al., (2021) analisam o sofrimento psicológico de professores da educação básica em função da quantidade de trabalho remoto, do gênero, da quantidade de trabalho doméstico e da experiência prévia, mas não investigam suas condições de trabalho; 14) Prata et al. (2020) relatam a experiência do desenvolvimento de mediações pedagógicas em Ambiente Virtual de Aprendizagem em uma faculdade de enfermagem em contexto de pandemia de COVID-19; 15) Cuadrado (2020), estudo não brasileiro, descreve uma proposta de adaptação dos descritores sugeridos pela União Europeia através do DigComp para as áreas de Informação e Comunicação para docentes universitários. Em relação aos estudos selecionados, vide apêndice.

4. DISCUSSÃO DOS ESTUDOS

Prevatalli e Fagiani (2022), em pesquisa de cunho teórico, analisaram o trabalho docente na educação básica no Brasil, ao instaurar a pandemia, sob o aprofundamento do Neoliberalismo e da Nova Gestão Pública (NGP), em que “neoliberalismo e indústria 4.0 se articulam e retroalimentam” (p.02), por meio de estudos bibliográficos, documentais e relatórios de pesquisas, bem como análise de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Segundo os autores, antes mesmo da pandemia, a categoria já sofria com a precarização de seu trabalho, então analisaram a Indústria 4.0 ou Quarta revolução industrial na educação básica e sua repercussão nas condições do trabalho do professorado em contexto de pandemia.

A fim de contextualizar a precarização do trabalho docente, os autores trouxeram dados do INEP (2020), os quais evidenciam que 543.874 dos professores são contratados temporariamente, 55% nos municípios e 46% nos estados e 5.626 encontram-se sob contratos terceirizados: 85,5% nos municípios e 11,7% nos estados e 36.582 estão sob regime de contrato CLT 65,9% municípios e 33,9% nos estados. Entre os anos de 2011 e 2019 aumentou 19% os professores com vínculo contratual temporário, 28% na região sudeste, no estado de Minas (um dos primeiros estados a adotar a NGP), o aumento dos contratos temporários foi de 61%. Também é notório o crescimento de professores em caráter eventual ou intermitente, esta modalidade não possui nenhum tipo de contrato, o professor ministra aulas em caráter emergencial (SOUZA, 2016). Dessa forma, Prevatalli e Fagiani (2022) refletem que a nova forma de ensinar, sob as tecnologias digitais tendese a expansão com professores eventuais sendo contratados via plataformas e aplicativos, como uma espécie de “uberização” (VENCO, 2019). À título de exemplo, citam a Biosferatech (empresa que desenvolveu o app Prof-e). Nessa precária modalidade de trabalho, o professor faz o cadastro no aplicativo, se aprovado, pode ser chamado para substituir aulas presenciais, caso seja na cidade em que reside ou remotamente em qualquer cidade do Brasil, porém com estudantes na escola e professor à distância (PREVITALI; FAGIANI, 2020).

Os autores ainda lembram que o salário pago ao professor na educação básica tende a ser menor que o de outros profissionais com nível de formação equivalente (ALVES; PINTO, 2011). Atualmente, apenas cerca de 45% dos 5.570 municípios brasileiros cumprem a

determinação do piso, no valor de R\$ 2.886,24 por 40 h/semanais ao professor da educação básica pública (GOTTI, 2019). Desse modo, com a pandemia, o cenário de precarização das escolas públicas da educação básica foi acrescido de novos elementos dada a implementação do ERE.

À luz dos dados de pesquisa elaborada pelo Gestrado (2020), os autores refletem sobre as condições de trabalho do professorado demonstrando a intensificação da precarização do trabalho docente: 84% dos professores da educação básica pública não tinham experiência com aulas *online*, com pouca atenção dos governos para isso; 53,6% dos professores das redes municipais e 24,6% das estaduais não receberam nenhum tipo de formação ou auxílio para o uso das tecnologias digitais. Na pesquisa da Nova Escola (BIMBATI, 2020), mais de 50% não recebeu capacitação para trabalhar com o ERE; aproximadamente 75% dos professores da educação básica perceberam aumento nas horas trabalhadas no ERE, principalmente as mulheres (GESTRADO, 2020); arcaram, muitas vezes, com os recursos para lecionar (adquiriram equipamentos e melhoraram a internet). A indeterminação entre tempo de trabalho e não-trabalho, implicando no tempo para descanso, geraram adoecimento, sobretudo, na saúde mental das mulheres, e estranhamento, intensificando a precarização do trabalho da categoria.

O estudo de Prevatalli e Fagiani (2022), com base em dados de outros autores sinaliza as condições de trabalho do professor durante a pandemia, dentro de um contexto de trabalho virtual em que, especialmente, professores e comunidade escolar estão inseridos na indústria 4.0 sem escolha, sendo obrigados a executar o seu trabalho de modo virtual, apoiados na tecnologia. Além disso, os autores apontam que a precarização laboral da categoria não é fruto da pandemia e citam a “uberização”.

A uberização, neologismo para o mundo corporativo, indica uma nova forma de gerenciamento, controle e organização do trabalho (ABÍLIO, 2017) expandido-se para diversas categorias além de motoristas de aplicativo, como professores (PREVITALI; FAGIANI, 2020).

A uberização leva a desvalorização e precarização das condições de trabalho e modalidades de contratação de professores mediante aumento de vínculos temporários, substitutos, presentes na educação pública. A articulação do fenômeno da uberização com o

trabalho docente é emergencial devido ao projeto de lei “professor Uber” (CARTA CAPITAL, 2017)⁸ e diversos aplicativos em funcionamento.

É possível traçar um paralelo entre este estudo com os dados da pesquisa do GESE (2020), visto que os autores trazem dados semelhantes quando citam a partir de outros estudos: pouca experiência dos professores com aulas *on-line*; pouca ou nenhuma formação ou auxílio para lecionar; aumento nas horas trabalhadas; sobrecarga para as mulheres; possível adoecimento. Para ilustrar, alguns dados levantados pelo GESE (2020) a partir do questionário e entrevista:

1) Pouca experiência:

Dificuldades em usar a plataforma oferecida pelo colégio, pois é muito técnica e pouco intuitiva. Inibições para gravar aulas. Dificuldades em compreender e utilizar a tecnologia envolvida em videoaulas. [...] (Professor. 11, item 6.1¹³, questionário, mai-ago/2020)

2) Sobrecarga:

[...]primeiro lugar, muito cansada, muito cansada, muito cansada mesmo! Assim, e acho que o cansaço ele vem é... por causa da sobrecarga. Tá muito grande! A gente tem que trabalhar 4, 5 vezes mais do que a gente trabalhava, né? Pra você ter uma ideia, hoje eu fiquei (pensando) umas 6 horas trabalhando, hoje, e eu só preparei a aula pro curso *on-line*. (Professora Sara, entrevista, 13/07/2020)

3) Nenhum auxílio:

Perdida. Estou sendo obrigada a trabalhar de uma forma em que sou cobrada, mas não tenho o suporte necessário (Professora. 33, item 6.3¹⁴, questionário, maiago/2020)

4) Aumento nas horas trabalhadas/sobrecarga feminina:

A maior dificuldade é conciliar o ensino remoto aos afazeres domésticos e ao ensino das minhas filhas. (Professor. 60, item 6.1, questionário, mai-ago/2020)

Souza et al. (2022) realizaram pesquisa empírica sobre a relação saúde e trabalho dos professores durante a pandemia, pautados na perspectiva marxista em que o processo de trabalho é constituído pela força de trabalho em ação, viram a importância de se estudar como e com que meios de trabalho se produz, sendo importante conhecer o trabalho e seu processo na visão do próprio trabalhador, neste caso, professores da educação básica do RJ. Em relação a saúde, os autores pautaram-se em Canguilhem (2012), em que o homem mobiliza suas

⁸ <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/professor-uber-a-precarizacao-do-trabalho-invade-as-salas-de-aula/>

forças e energia necessárias para dar conta das exigências e pressões do trabalho. Os pesquisadores dividiram a sua análise em dois blocos temáticos: 1) análise do processo de trabalho (remoto); 2) saúde, comorbidades progressas e resistências coletivas.

A primeira etapa do estudo foi constituída por reuniões virtuais com a direção do sindicato para elaboração da proposta da pesquisa, elaboração participativa do cronograma de trabalho e construção coletiva das estratégias de divulgação na base da categoria. A segunda etapa foi a pesquisa de campo, com duas fases: 1) “Oficinas em Saúde do Trabalho”, modalidade coletiva e dialógica de conhecimento sobre o trabalho e a saúde docente e 2) aplicação de cadernetas eletrônicas de saúde e trabalho, registros diários de professores com descrições sobre o seu cotidiano de trabalho. Apesar de 12 professores terem participado de ambas as fases, apenas 8 cadernetas retornaram. A pesquisa ocorreu de modo *on-line*, via *Google Forms*. Para análise dos dados utilizaram a técnica de Análise Temática de Minayo. O material foi qualificado em categorias: representatividade; homogeneidade e pertinência.

Em relação a amostra, 2 professores eram do sexo masculino e 6 do sexo feminino, idades entre 28 e 55 anos; 5 trabalhavam na rede privada, 2 na pública e 1 em ambas; sendo que 4 eram contratados no regime CLT, 2 estatutários, 1 celetista e estatutário e 1 contrato temporário de trabalho. A carga horária de trabalho variou entre 22 e 44 horas. Os professores eram atuantes na docência entre 5 e 25 anos.

Os autores concluíram que os professores vivenciaram intensificação, formas de opressão e precarização do trabalho, experienciando novas formas de trabalhar com o uso das TICs em conexão com o exercício da adaptação criativa do trabalho, qualificando-se em uma contradição e dialética entre imposição e adesão a velhos saberes e novas aprendizagens, gerando um novo processo laboral do professorado, incluindo aspectos do teletrabalho e do ensino Ensino à Distância (EaD), porém com qualidade ínfima.

Para análise dos dados, os autores os dividiram, na primeira análise, relacionada ao processo do trabalho remoto, em quatro blocos temáticos:

1) aceleração e pressão na sequência de atividades: utilização em excesso das TICs paraplanejamento de aulas; gravação de vídeos; correção e repasse de trabalhos, bem como dificuldades relacionais, sob a responsabilidade solitária dos professores. As rotinas descritas demonstraram que não havia diferença entre o tempo de trabalho contratado e o trabalho não pago; não havia limites entre trabalho e não trabalho durante a pandemia, o professorado respondia *e-mails* e *whatsapps* em diversos horários, estando sempre à disposição dos alunos, famílias e coordenação.

2) simultaneidade e concorrência de trabalhos: nos registros, os autores observaram a repetição de expressões, tais como “enquanto aguardo” e “ao mesmo tempo”, indicando a realização de atividades concorrentes e paralelas, pois o uso de tecnologias na educação permite ao docente onipresença e ubiquidade no ciberespaço, podendo estar em ambientes virtuais diferentes em um mesmo tempo. Isso gera sobrecarga de atividades devido a possibilidade fornecida por diferentes recursos de se fazer inúmeras tarefas em um mesmo intervalo de tempo, com a ilusão de que se está ganhando tempo, conseqüentemente levando a perda de saúde pelo desgaste de realizar multitarefas. Os pesquisadores citam a *superconexão* laboral, que pode trazer riscos psicossociais a saúde do trabalhador (estado contínuo de alerta e ansiedade) (ALMEIDA, 2017). Seria a invasão multifacetada da tecnologia na vida e no labor docente durante a pandemia, ocasionando esforço de energia física, mental e emocional. Constataram que houve a permanência ou o aprofundamento de aspectos relacionados ao trabalho docente no que se refere a antes e durante a pandemia. Dentre eles: estar permanentemente ocupados ou pré-ocupados com atividades de trabalho antes mesmo de acontecerem.

3) impedimentos tecnológicos e adaptações do trabalho virtual docente: impedimentos do trabalho devido a falhas na internet e problemas na relação com aparatos tecnológicos, culminando na interferência do trabalho docente. Os autores sublinham que a mesma tecnologia que possibilitou a docência ocorrer em contexto pandêmico, também os frustrou. Trazem a contribuição de Franco et al. (2010): “o trabalho remoto de professore(a)s na pandemia configura-se como trabalho precarizado e fonte de mal-estar.” (p. 08), bem como de Silva et al. (2020) ao afirmarem que há obstáculos tanto objetivos (das imperfeições da tecnologia) quanto subjetivos (interação professoraluno em ambiente virtual). A questão é que o principal parâmetro para o desenvolvimento do trabalho docente remoto continua sendo a experiência do trabalho presencial. Com base em Marx, afirmam que transformar os instrumentos de trabalho traz conseqüências nas relações sociais, ou seja, a tecnologia muda, as relações também. Assim, os trabalhadores da educação devem ser sujeitos e participarem dessas mudanças, não figurando somente como um consumidor e usuário passivo do mercado.

4) interação entre labor docente e doméstico: Professoras registraram nos diários sentirem-se invadidas pelo trabalho. Compatibilizar o trabalho docente com o doméstico foi desafiador, tendo que estabelecer tempo limite ao trabalho como professora e realizar a distribuição equitativa das tarefas domésticas, para que as relações afetivas e familiares não se reduzissem ao tempo dedicado ao trabalho.

Na segunda análise direcionaram a discussão para queixas de saúde, comorbidades pregressas e resistências coletivas: má qualidade do sono e dores de cabeça estavam dentre as queixas dos professores; a sobrecarga laboral tende a alterar o ritmo e o padrão de sono (PONTES; ROSTAS, 2020), as dores de cabeça podem estar relacionadas a tensão e ansiedade, horas no computador, com exposição contínua à luminosidade das telas dos artefatos tecnológicos (PERLA, 2008). No trabalho remoto, o professor permanecia por longos períodos sentado, podendo gerar muitas complicações de saúde; além disso os autores sinalizam que o trabalho exigiu envolvimento afetivo para realização de tarefas, que pode ser propício para produção e manifestação de sofrimento psíquico; os registros permitiram os autores que, em meio a sofrimentos e adaptações, o professorado continuava trabalhando, buscando extrair sentido, uma evidência do vínculo com a profissão que não foi interrompido. Observaram que foram registrados sentimentos tanto negativos (desânimo e desmotivação) e positivos (relação com os alunos qualificada como revigorante, valorização e apoio de familiares das crianças). Este é um movimento de busca pela saúde: privação e reformulação da vida (CANGUILHEM, 2012) Neste contexto, os docentes estavam, continuamente, desenvolvendo formas de resistências, individuais e coletivas para a defesa da saúde.

Os autores concluíram que diante dos desafios vivenciados pelos professores no ensino remoto, as mudanças tecnológicas no trabalho docente não se originaram na pandemia, mas foram mais fortemente empregadas nesse período e caracterizam-se como um processo de transformação estrutural no mundo do trabalho, e salientam que o uso de cadernetas e diários na pesquisa tornam públicas as histórias dos educadores, de modo que a educação sobreviva e se recrie em tempo de pandemia.

É possível traçar um paralelo entre a pesquisa do GESE (2020) e de Souza et al. (2022), ambas são empíricas e utilizaram registros diários sobre a rotina dos professores de modos diferentes. A de Souza os próprios professores faziam o registro via formulário eletrônico e a do GESE (2020) era por meio de entrevistas via telefone.

No que se refere ao aceleramento e pressão na sequência de atividades, categoria proposta por Souza et al. (2022), dados do GESE (2020) também poderiam compor esta categoria, pois segundo Souza et al. (2022) os professores trabalhavam de 22 a 44 horas por dia, como também demonstra dado do GESE (2020) em entrevista com um participante:

Entrevistadora: Como é que foi sua carga horária? Como é que foi sua carga horária de trabalho online?

Professor Marcos: No início era 24 horas, quase!

Entrevistadora: Como assim? Explica: 24 horas?

Professor Marcos: É porque eram muitas mensagens e toda hora é... As mensagens, nos grupos de whatsapp da escola.

Entrevistadora: Uhum...

Professor Marcos: É..., a todo momento vinha uma nova recomendação, era professor com dúvida e... coordenação tirando dúvida e você acaba assim, até uma, uma questão... nossa, mesmo assim, a gente acaba tendo a..., olhando o tempo inteiro. (Professor Marcos, entrevista, 09/06/2020)

Além disso, a pesquisa do GESE (2020) também comprova, assim como o estudo analisado, o uso excessivo das TICs, dificuldades relacionais e falta de limites entre trabalho e não trabalho, respectivamente, a partir de dados dos participantes:

O trabalho aumentou demais! São atividades semanais que devem ser corrigidas individualmente, fora a preparação, gravação, edição e postagem das aulas...e a burocracia é enorme com planos semanais de aula, controle das atividades e aulas, além de diários e controle de disciplina administrada em cada aula. (Professor 4, item 6.1⁹, questionário, mai-ago/2020)

Dificuldade de conseguir ter acesso a todos os alunos. O contato faz toda a diferença no processo de ensino aprendizagem. (Professor 69, item 6.1, questionário, mai-ago/2020).

Me sinto invadida pois meu trabalho é integralmente dentro de casa e não consigo me desligar facilmente das tarefas docentes. (Professor 46, item 6.3¹⁶, questionário, mai-ago/2020).

Em relação a categoria simultaneidade e concorrência de trabalhos, dados do GESE (2020) também coadunam com essa categoria. A fala da professora Bia revela a simultaneidade de ações laborais, pois ao mesmo tempo que lecionava abria materiais, vídeos, links.

(...) eu já, eu tô pensando aqui eu acho que (pensando) tudo no início, tudo é dificuldade, tudo. Eu, por exemplo, (pensando) agora eu me propus, ninguém está me obrigando a usar um um que eu achei muito legal, um aplicativo chamado OBS studio que me permite interação com aluno e... e... ao mesmo tempo que eu vejo aquele aluno, eu consigo mexer no computador sabe?! É... abrir links e mostrar pra eles, abrir é, abrir material, e assim, e eu tenho estudado através do youtube, porque no youtube a gente acha tutorial pra tudo né?! (Professora Bia, entrevista)

⁹ 6.1- Relate suas dificuldades e facilidades neste processo de ministrar aulas em tempos de afastamento social devido a pandemia de COVID-19. ¹⁶ 6.3- Como você se sente tendo que exercer a docência em tempos de pandemia? Explique sua resposta?

No que se refere a categoria impedimentos tecnológicos e adaptações do trabalho virtual docente, dados do GESE (2020) também poderiam fazer parte dessa categoria. A fala da professora Elisa ilustra dificuldades e falhas com recursos tecnológicos:

Professora Elisa: Então, a falha mais crítica que a gente teve, foi no dia da penúltima aula, foi na... (pensando), não, foi na, foi na aula de sexta-feira passada.

É... o computador, lá na casa do meu irmão, onde eu gravo a aula, deu vírus, travou tudo. A gente não conseguiu gravar e assim, a hora já estava passando, já tinha mais de meia hora que a gente estava tentando, é, no horário da aula. Então assim, eu cheguei lá mais cedo e já tinha passado mais de 2 horas e a gente tentando, aí ele viu: ;olha, não vai funcionar... eu falei: “meu Deus, mas tem que fazer essa... essa vídeoaula, tem que ir pra lá hoje, mesmo que vá atrasado, que ninguém (referindo-se aos alunos) entra na sala mesmo! Mas a gente vai ter que gravar e enviar”. Aí, foi onde nós fomos pra casa de um amigo dele, que tem um estúdio também, e a gente montou lá. (Professora Elisa, entrevista, 10/07/2020)

Por último, cabe destacar a categoria interação entre labor docente e doméstico. Dados do GESE (2020) também evidenciaram a disputa diária entre ser docente e ser “do lar”. Uma participante respondeu ao item 6.1¹⁰ do questionário uma de suas dificuldades durante o ERE:

Conciliar trabalho *homeoffice* e trabalho do lar. (Prof. 37, item 6.1, questionário, mai-ago/2020)

Outro estudo contemplado para análise foi o de **Santos et al. (2022)**¹⁸, os autores refletiram sobre a experiência de uma pesquisa de cunho participativo que adotou como estratégia metodológica a Comunidade Ampliada de Pesquisa (CAP *on-line*) tendo em vista o isolamento social em tempos de pandemia. Assim, como as pesquisas, o trabalho docente também teve que ser reinventado. Segundo os autores, a concepção do CAP adota o trabalho como determinante social da saúde e os trabalhadores, sujeitos da análise e transformação dos ambientes de trabalho (SOUZA, RODRIGUES, SANTOS ET AL., 2020). Sublinha-se que o artigo de Santos et al. teve como foco destacar uma nova forma de fazer pesquisa (*on-line*). Acreditam que a tecnologia foi um recurso alternativo para realização da pesquisa (tratada em seu artigo) referente ao trabalho docente durante a pandemia, mas também teve limitações/desafios, assim como o trabalho do professor de modo remoto.

¹⁰ Relate suas dificuldades e facilidades neste processo de ministrar aulas em tempos de afastamento social devido a pandemia de COVID-19. ¹⁸ Este estudo traz dados de uma outra pesquisa que discute condições de trabalho do professor no ERE, por isso foi contemplado nessa revisão.

Em relação a metodologia *CAP on-line*, no mês de maio de 2020, o Sinpro-Macaé e pesquisadores do Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana iniciaram uma sequência de diálogos com intuito de investigar a relação Saúde e Trabalho dos Professores da rede pública e particular de educação do Rio de Janeiro em tempos de pandemia e pós-pandemia. Após a apresentação dos objetivos do trabalho e exposição pelo coordenador do projeto, dinâmica adotada nas reuniões da *CAP on-line*, os participantes falaram sobre o ritmo do trabalho e das atividades; sobre o horário que iniciavam e terminavam a jornada de trabalho; pausas para descanso; como conciliavam trabalho doméstico e docente; as relações hierárquicas com a coordenação escolar e gestão; as relações entre os seus pares, formas de controle sobre o seu trabalho; sobrecarga laboral; dificuldades materiais e tecnológicas para executar o trabalho; queixas de saúde e formas de resistências individuais e coletivas, bem como descrição das aulas síncronas e assíncronas.

O número de participantes sofreu variação de acordo com cada encontro. No primeiro, 18 de julho de 2021 participaram: 3 professores, 5 pesquisadores e 2 sindicalistas; no segundo dia, 25 de julho de 2021, 2 professores, 5 pesquisadores e 1 sindicalista, na terceiro e último dia, 01 de agosto de 2021, 6 professores, 5 pesquisadores e 2 sindicalistas. A metodologia da *CAP on-line* foi a etnografia virtual, um processo ainda experimental que se baseia em meios eletrônicos (AMARAL, 2008).

Santos et al. (2022), observaram que as mesmas adversidades enfrentadas pelo professorado para a realização de seu trabalho foram evidenciadas na realização da *CAP on-line*, tais como: atrasos para iniciar a coleta de dados, pois os professores não conseguiam acessar à plataforma ou configurar áudio e vídeo para utilizá-los de modo adequado; a própria qualidade de internet, do computador, celular ou tablet usados por eles; as entrevistas eram interrompidas por problemas técnicos; atenção dividida (filhos, familiares, afazeres da casa e participação nas entrevistas); ruídos externos ao ambiente virtual, entendidos como particularidades do trabalho remoto.

Constataram no estudo da *CAP on-line* que câmeras desligadas quando os professores lecionavam causavam-lhes desconforto, provocando sensação de baixa interatividade e isolamento; os professores afirmaram preferir realizar lives do que gravar vídeos segundo a pesquisa do *CAP on-line*; o desconhecimento técnico em relação ao uso da tecnologia foi um desafio para os professores durante o ensino remoto e também durante a realização do *CAP on-line*; professores afirmaram desgaste laboral, esgotamento físico e mental se comparado ao

ensino presencial; a sensação de estar sempre conectado; recriação da rotina; aprendizagem da tecnologia sozinhos e trabalho sem treinamento, como evidenciado na pesquisa CAP *on-line*.

Então, a partir da pesquisa CAP *on-line* Santos et al., (2022) refletem que os desafios vivenciados na pesquisa CAP *on-line* se assemelha aos encontrados pelo professorado ao adequarem sua prática docente para o remoto: interação social antes física e agora mediada por celulares e computadores; a necessidade de saber manejar as demandas profissionais e domésticas e, por outro lado, os pesquisadores que também se reinventaram para realizar suas pesquisas.

Os autores do estudo supracitado traçam um paralelo, por meio de um estudo teórico, entre o estudo realizado pelo CAP *on-line* e o trabalho dos professores da educação básica em tempo de pandemia Covid-19, sinalizando que essa nova forma de fazer pesquisa emergencial, ou seja, *online* também enfrenta barreiras similares como o “dar aula *on-line*” em tempos de pandemia. Assim, dados do GESE (2020) corroboram as condições de trabalho vivenciadas pelos professores da rede pública e privada do Rio de Janeiro, elencadas no estudo em análise, dentre elas:

1) câmeras desligadas quando os professores lecionavam causavam-lhes desconforto, provocando sensação de baixa interatividade e isolamento:

Minha dificuldade é ter o retorno da aprendizagem por parte dos alunos. Percebo que nem todos conseguem avançar ... Sei do tempo de cada criança, mas à distancia está mais difícil. A falta do contato e a mediação direta na hora da dúvida, muitas vezes não nos é passada, pois com o microfone desligado ou a câmera fica difícil perceber a dificuldade do aluno (Professor 68, item 6.1, questionário, mai-ago/2020).

2) ruídos externos ao ambiente virtual: um dos participantes da pesquisa do GESE (2020) respondeu ao item 6.1¹¹ do questionário sobre a sua dificuldade em gravar as aulas devido à ruídos externos ao ambiente virtual

Gravar as aulas é bem difícil, moro em prédio e na maioria das vezes preciso trabalhar de madrugada para que a filmagem saia sem ruídos. Apesar das portarias estaduais e municipais preverem a orientação de todo trabalho ser realizado dentro do nosso horário de trabalho, dentro de casa isso é impossível. Fazer tudo no computador ou celular demanda muito mais tempo impossível. Fazer tudo no computador ou celular demanda muito mais tempo

¹¹ Relate suas dificuldades e facilidades neste processo de ministrar aulas em tempos de afastamento social devido a pandemia de COVID-19

do que se estivéssemos dentro da escola. Isso inclui também dias de feriados e finais de semana. (Professor 108, item 6.1, questionário, mai-ago/2020)

3) o desconhecimento técnico em relação ao uso da tecnologia foi um desafio para os professores durante o ensino remoto:

Dificuldades em usar a plataforma oferecida pelo colégio, pois é muito técnica e pouco intuitiva. Inibições para gravar aulas. Dificuldades em compreender e utilizar a tecnologia envolvida em videoaulas. Necessidade de equipamentos mais modernos, que não serão comprados por falta de dinheiro. (Professor 09, item 6.1, questionário, mai-ago/2020)

4) desgaste laboral:

Tem sido difícil lidar com o estresse alimentado cotidianamente pelo distanciamento social, as ansiedades e a frustração profissional, já que não sei se meu trabalho tem funcionado da maneira como espero e não vejo muitas possibilidades de avaliá-lo. Existe assim uma descrença minha em relação ao meu próprio trabalho. Além disso, a ausência de pessoas presentes inviabiliza a percepção dos gestos e expressões corporais, um termômetro do trabalho docente. As demandas corriqueiras de um professor (planejamentos de aula, atividades, correções, reuniões etc) não permaneceram iguais às de antes. Houve um acréscimo substancial nas horas trabalhadas durante os dias e, portanto, um acúmulo de tempos não remunerados. São mais horas dedicadas às escolas (entre planejamentos e reuniões) e menos tempo para cuidar da mente e corpo. Ainda tem sido complicado conciliar as horas de lazer e trabalho, pois agora o meu lugar de descanso (minha casa) foi transformado em local de trabalho. Às vezes penso em sentar no escritório e me distrair com uma leitura qualquer, mas quando vejo estou mergulhado em mais afazeres docentes (Professor 53, item 6.1, questionário, mai-ago/2020)

5) esgotamento físico e mental:

Cansado psicologicamente e fisicamente. (Professor 109, item 6.3¹², questionário, mai-ago/2020)

Silva et al. (2021) buscaram entender os fatores que estavam associados à insatisfação do trabalho docente com intuito de contribuir para implementação de medidas que pudessem minimizar isto. Então, investigaram a prevalência e fatores associados à insatisfação com o trabalho docente entre professores da rede pública estadual da educação básica de MG durante

¹² 6.3- Como você se sente tendo que exercer a docência em tempos de pandemia? Explique sua resposta? ²¹ Durante o isolamento social devido a pandemia do novo coronavírus, como você se sente em relação a seu trabalho como docente?

a pandemia. Para isso aplicaram inquérito epidemiológico e seguiram o *Checklist for Reporting Results of Internet E-Surveys* (CHERRIES).

A amostra foi calculada de modo a garantir proporcionalidade de professores por Superintendência Regional de Ensino (SRE), estimando o número mínimo de docentes a serem investigados em cada uma delas. A pesquisa apresentou 2564 professores, por meio da divulgação nas mídias sociais da SRE. A coleta de dados ocorreu de 20 de agosto a 11 de setembro por meio do *Google Forms*. Esta coleta foi considerada “fechada”, apenas para professores da rede estadual porque a própria SRE encaminhava o *link* com o formulário para o e-mail institucional dos professores e ainda, para evitar o preenchimento automático do formulário utilizaram um *reCAPTCHA*. Participaram docentes que atuaram em 2020 e não participaram aqueles que estavam atuando em outro cargo, diferente da função docente (coordenador, diretor, et.), professores afastados por licença médica podiam participar.

Em relação ao instrumento, o formulário continha 144 questões de preenchimento obrigatório, dividido em 4 seções: características sociodemográficas, condições de trabalho, saúde e estilo de vida. Em algumas questões foi abordada a situação antes e durante a pandemia. No geral, o formulário foi baseado na Pesquisa “Con Vid - Pesquisa de Comportamentos” realizada pela Oswaldo Cruz e parceiros e também incorporou outros instrumentos validados.

Para análises, a variável satisfação no trabalho²¹ foi adotada como variável dependente. As opções de respostas seguiram uma escala *Likert*: com 3 opções: “satisfeito (a)”, “nem satisfeito (a)”, “nem insatisfeito e insatisfeito (a)” (adotou-se para esta última a categoria indiferente). As variáveis independentes foram organizadas em três blocos: 1) Perfil sociodemográfico e econômico; 2) Perfil ocupacional¹³; 3) Comportamentos/hábitos durante a pandemia.²³

No que tange ao método de análise, os autores, a partir do SPSS, realizaram análise descritiva dos dados e para identificar os fatores associados à satisfação com o trabalho durante a pandemia, foram utilizadas previamente análises bivariadas utilizando o Teste *Qui-Quadrado* de Pearson. A partir dessa, foram consideradas para nova análise as variáveis que revelaram nível descritivo inferior ou igual a 20% ($p < 0,20$), sendo assim selecionadas para compor inicialmente o modelo múltiplo. A partir disso, foi realizada a Regressão Logística

¹³ Anos de docência; horas semanais de trabalho; tipo de vínculo com a escola; se possui graduação pósgraduação; realização de trabalho remoto durante a pandemia; dificuldades com atividades remotas e se possui computador. ²³ tabagismo, consumo de bebida alcoólica; prática de atividade física e de lazer.

Multimodal considerando a satisfação com o trabalho durante a pandemia como a categoria de referência. Todas as variáveis que apresentaram $p < 0,20$ entraram juntas no modelo sendo retiradas uma por uma, mantendo no modelo final apenas as variáveis que apresentaram nível descritivo inferior a 5% ($p < 0,5$). De acordo com os pesquisadores, todas as variáveis independentes estavam associadas à satisfação com o trabalho no nível de significância de 20%. Contudo, na modelagem múltipla, as variáveis “filhos”, “horas semanais de trabalho docente” e “realização de trabalho remoto durante a pandemia” foram removidas por apresentar p valor maior de 5%.

Em relação à satisfação com o trabalho durante a pandemia: 21,6% (3.375) dos participantes estavam satisfeitos, 44,7% (6.995) indiferentes e 33,7% (5.271) insatisfeitos(as). A predominância de insatisfação foi entre os homens; aqueles com idade de 21 a 40 anos, que atuavam há 21 anos ou mais e os que possuíam jornada laboral maior que 40 horas semanais.

Havia maiores chances de indiferença e insatisfação de professores com o trabalho: aqueles que viviam sem cônjuge, estudos mostram que o fato de viver com um cônjuge está associado ao crescimento profissional, (GOTTMAN, 2007), além disso o próprio distanciamento social originado pela pandemia, por si só, impacta na saúde mental dos indivíduos (LIMA, 2020), isso associado a perda de relacionamento presencial, comum da docência, especialmente, aqueles que não possuem um companheiro, ampliando o sentimento de solidão, segundo os autores do estudo analisado; atuantes na docência há 21 anos ou mais, o profissional, cansado de tantos anos trabalhados, teve que se adaptar a uma imposta modalidade de ensino, trazendo novos desafios para a profissão; aqueles que enfrentavam algum grau de dificuldade com atividades remotas (estudo indonésio, citado pelos autores, demonstrou que o uso das TICs era árduo, causador de ansiedade durante a pandemia (RASMITADILA et al., 2020), pois os docentes estavam habituados com práticas tradicionais e encontraram-se em um desafio de preparar e apresentar diversas temáticas com as TICs (SOUZA, 2021; RASMITADILA et al., 2020); aqueles que compartilhavam o computador com outrem e ainda, maior insatisfação de professores que não tinham computador; aqueles que consumiam bebidas alcoólicas, substâncias psicoativas, álcool e tabaco, lícitas utilizadas com frequência, associadas a situações de estresse e ansiedade (FRANCO, 2016). Assim para aliviar as tensões, tais como: as circunstâncias em que os professores eram submetidos, como intensa exigência cognitiva, sobrecarga, lecionar, pesquisar, reuniões deliberativas, estas substâncias servem como “fuga” (FRANCO, 2016); aqueles que não praticavam atividades físicas; não realizavam atividades de lazer ou reduziram o seu tempo durante a pandemia,

atividades realizadas fora do trabalho têm efeito potencial na recuperação de tensões acumuladas durante a realização de tarefas profissionais e a redução de tempo para elas pode ocasionar efeitos na saúde mental (BARBOSA, 2013).

As chances de estarem indiferentes se comparados aos satisfeitos foram superior nos participantes que lecionavam na zona rural, pode ser justificado devido às precárias condições de trabalho na zona rural, falta de acesso à internet (FERREIRA, 2014); que tiveram diminuição na renda familiar durante a pandemia, em função do desemprego de um dos membros da família atuaria como fator de frustração e insatisfação (RABELO, 2010); os que viviam sem companheiro; que tinham entre 11 e 20 anos de docência e 21 anos ou mais de docência; que tiveram pouca, moderada ou muita dificuldade com as atividades de modo remoto; que tinham que compartilhar o computador; que consumiam bebida alcoólica; que não estavam praticando atividade física; que tiveram sua atividade de lazer diminuída e que não estavam realizando atividade de lazer .

Em relação aos que estavam insatisfeitos quando comparados aos satisfeitos, as chances foram maiores nos professores que viviam sem cônjuge; que possuíam 21 ou mais anos de profissão docente, que apresentaram pouca, moderada ou muita dificuldade com as atividades remotas; que possuíam computador com uso compartilhado; que não tinham computador; os tabagistas; os que consumiam bebida alcoólica; os que não estavam praticando atividade física; que tiveram sua atividade de lazer diminuída e que não estavam realizando atividade de lazer.

Assim, Silva et al. (2021) concluíram que 80% dos participantes não estavam satisfeitos com o trabalho durante a pandemia, que os trouxe mais sobrecarga de trabalho, com transformações em sua didática pedagógica, encontros virtuais, aprendizagem de novas formas de ensinar, podendo ocasionar maior insatisfação com o trabalho.

Em suma, as chances dos professores estarem insatisfeitos era maior para aqueles que viviam sem o (a) companheiro (a); aqueles com maior tempo de docência que tiveram dificuldade com a aulas de modo remoto; que não possuíam computador ou o compartilhavam com outrem; que eram tabagistas; consumistas de bebidas alcoólicas; que não praticavam atividade física; que estavam com atividade de lazer reduzida e/ou ausente durante a pandemia. O estudo também evidenciou que professores que possuíam outro trabalho remunerado em outra instituição de ensino apresentaram menor chance de indiferença em relação à satisfação com o trabalho (mais de um emprego, de modo geral é fator de sobrecarga ocupacional podendo trazer riscos à saúde do profissional). Silva et al. (2021) salientam que

as mudanças causadas no sistema educacional provocadas pela pandemia da Covid-19 impactaram de modo direto na rotina de trabalho dos docentes e ressaltam a importância de programas que articulem as políticas de saúde e educação. Contudo, sublinham que a intensificação do trabalho docente não foi inaugurada na pandemia.

Apesar do estudo do GESE (2020) não ter investigado diretamente o nível de satisfação, insatisfação ou indiferença em relação ao trabalho remoto, bem como outras variáveis contempladas no estudo de Silva et al. (2021), é possível traçar um paralelo entre ambos, visto que as condições de trabalho apontadas a partir de dados levantados pelo GESE (2020) parecem não ter agradado os professores, como demonstra a resposta de participantes do questionário ao responder como se sentiam ao lecionar remotamente, em tempos de pandemia:

Insatisfeita, porém não temos outra opção (Professor 36, item 6.3¹⁴, questionário, mai-ago/2020)

É possível também, comprovar por meio de dados que a pandemia parece não ter inaugurado a precarização do trabalho docente, conforme afirmam os autores do estudo analisado, o que pode ser corroborado através de dados do GESE (2020). Uma participante escreveu como se sentia exercendo a docência remotamente:

Desvalorizada como sempre. (Professora 78, item 6.3, questionário, maiago/2020).

Outro ponto que o estudo destacou é o fato de professores lecionarem em mais de uma instituição de ensino com menor chance de satisfação com o trabalho, o que de modo geral é fator de risco para sobrecarga e adoecimento e é a realidade dos professores como um todo. Assim, cabe destacar que na pesquisa do GESE (2020), 41,9% dos professores que responderam ao questionário trabalhavam em mais de uma rede. Para ilustrar, a resposta da professora ao item 2.7 do questionário:

São três escolas, três realidades distintas. Em uma delas, trabalhamos no formato CEJA com uso da plataforma Moodle. Na mesma rede, outra escola aderiu ao Google classroom e redes sociais para o desempenhar o ensino remoto. Já em outra rede, foram oferecidas apostilas de tutoria e o professor

¹⁴ Como você se sente tendo que exercer a docência em tempos de pandemia? Explique sua resposta?

se vira para estabelecer a comunicação com os discentes. (Professor 51, item 2.7¹⁵, questionário, maio/2020)

O exerto acima demonstra que os professores que trabalharam em mais de uma escola durante o ERE, de acordo com o estudo tenderiam então a maior sobrecarga e, conseqüentemente, maior chance de adoecimento.

Souza et al. (2021) em ensaio, problematizam as mudanças que ocorreram no trabalho de professores da rede particular de ensino durante a pandemia e sua relação com a saúde; também apresentam novas formas de resistência e organização coletiva (greve virtual) a partir do ponto de vista dos docentes que estavam atuando no ensino remoto e em exercício de direção sindical. Os autores pautam-se na pedagogia crítica e dialógica freiriana. O ensaio contou com a colaboração do Sindicato de Professores da Rede Particular de Ensino (SINPRO-Macaé) para a realização da pesquisa sobre saúde e trabalho remoto dos professores durante e pós a pandemia.

Neste estudo foram adotadas estratégias participativas, remotamente, para conhecer e transformar à relação trabalho e saúde dos docentes da rede particular e pública de ensino. Foram realizados encontros periódicos entre o grupo de dirigentes sindicais e pesquisadores, via plataformas digitais, para refletir sobre os principais problemas que afetam a saúde dos docentes em situação de trabalho remoto. Destes diálogos, foram produzidos registros escritos compartilhados entre os participantes. Adotou-se, como pergunta central, durante os diálogos: Como se configuram as novas exigências do trabalho e as resistências de professores da rede particular de ensino em contexto de pandemia e suas principais implicações para a saúde dos trabalhadores?

Os autores, a partir dos diálogos ocorridos durante a produção deste ensaio, chegaram a quatro pontos de análise:

- 1) Trabalho docente em tempos de isolamento social: o isolamento foi necessário, mas segundo os autores, isso enfraquece os coletivos de trabalhadores que, historicamente se fortaleceram do próprio local de trabalho, como *locus* de encontro e realização de trabalho coletivo e individual. O que consideram um desafio para a produção de laços coletivos e produção de sociabilidades no trabalho docente, antes baseados na proximidade física, quando

¹⁵ A escola ofereceu alguma formação que te auxiliou a exercer a docência neste momento de pandemia da COVID19

existirão com intensidade no futuro, em contexto de trabalho via plataforma, como a uberização do mercado¹⁶, representando a precarização do trabalho (SLEE, 2017). O isolamento leva os sindicatos a traçarem novas ações coletivas de resistência e lutas contra a nocividade do trabalho, pois visam contribuir e assegurar mudanças nas condições de trabalho dos professores nas escolas, com objetivo de fortalecer processos de emancipação no trabalho para defesa coletiva da saúde (SOUZA; BRITO, 2012). Segundo os autores deste estudo, a redução dos laços de solidariedade entre trabalhadores pode ser qualificada como característica do trabalho no neoliberalismo, deixando a classe trabalhadora mais vulnerável para enfrentar os problemas. A ausência de um sistema de proteção e seguridade social proveniente do Estado e o enfraquecimento das redes de solidariedade em um cenário de incerteza e ameaça de perder o emprego parece que se intensificou com a pandemia.

2) Mudanças no processo e na organização do trabalho: no ensino remoto, os professores foram obrigados a repensar seus processos de trabalho por ambiente virtual e por plataformas de videoconferência; foram responsáveis pela transformação do espaço domiciliar em local de trabalho permanente; por custear às suas próprias condições materiais trabalho; além da manutenção dos equipamentos e do próprio manuseio das tecnologias; os elementos e a experiência que compõem o processo de trabalho docente presencial foram obrigatoriamente adaptados para o ensino remoto.

A reestruturação do trabalho docente, em contexto de pandemia, aprofundou a intensificação e a precarização das condições do trabalho do professorado. Segundo Hypolito, Vieira e Pizzi (2009), pode-se resumir o processo de intensificação do trabalho docente como aquele que reduz o tempo de descanso e causa falta de tempo para qualificação profissional e atualização, bem como o que potencializa a sobrecarga de trabalho. Os autores deste estudo ainda complementam, com base em Rodrigues et al. (2020), que o aumento do isolamento reduz as chances de interação e participação coletiva do trabalho, limitando as possibilidades de reflexão crítica conjunta para defesa e luta da saúde.

Os autores deste estudo concordam com Andrade (2020) que o trabalho remoto na rede privada reforçou a lógica adotada por grupos econômicos, que por meio de conglomerados educacionais privados, vem ao longo dos anos, empregando em estruturas de ensino de baixo custo econômico, através da combinação entre o uso em excesso de TICs e a diminuição do quadro docente. Amplia-se a sobrecarga de trabalho dos professores que permanecem

¹⁶ Intensifica o isolamento do trabalhador e fragiliza ainda mais processos de organização coletiva do trabalho

trabalhando a distância de acordo com os novos modelos de organização de trabalho, denominados “empresa enxuta”, comumente aplicado ao ensino superior e sua expansão para o Ensino Fundamental no pós-pandemia constituiu-se em temeridade, devido a importância da socialização e vínculos afetivos para o desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Segundo os autores do estudo em análise, com base em Sinpro Macaé (2020), as escolas privadas durante o ensino remoto utilizaram a imagem e a voz do professorado, muitas vezes, sem direitos de cessão, sendo que os professores se viam expostos a públicos diferentes, além dos pais e alunos, pois as aulas poderiam ser compartilhadas para um público anônimo e difuso. Eles destacam também, o controle sobre o trabalho que, durante a pandemia, se evidenciou ainda mais, em situações, como a do trabalho do professorado da escola privada ser medido pela quantidade de atividades pedagógicas realizadas nas plataformas e avaliações de aprendizagem aplicadas. As reuniões entre coordenação pedagógica e professores, via encontros virtuais periódicos eram agendados em curto espaço de tempo e, muitas vezes, fora da jornada formal de trabalho. O controle sobre o processo do professorado, incluindo o monitoramento das aulas *on-line* via coordenação pedagógica da escola e “visitas” às aulas virtuais de modo síncrono pela gestão da escola, sem ser acordado previamente com os professores, levava-os a constrangimento e incômodo no ambiente de ensino.

Os autores sinalizam que o risco iminente é a perda dos direitos históricos conquistados pela classe trabalhadora, como fazer as instituições cumprir os termos de contrato de trabalho, conforme a CLT, a exemplo da prerrogativa do direito ao recesso e férias remuneradas.

3) Aspectos geracionais e questões de gênero: É comum, professores ao fim da carreira terem dificuldades para lidar com a tecnologia disponível para o trabalho *on-line*, o que foi uma necessidade na pandemia. Nesse contexto tecnológico, é preponderante improvisos e aprendizagem entre gerações docentes (os mais jovens ensinam os mais velhos), escamoteando o dever dos patrões de qualificarem os professores.

No que se refere aos desafios impostos pela excepcionalidade do trabalho desempenhado pelos professores durante a pandemia, ressaltam que o fato deste ter sido realizado em ambiente doméstico, ocasionou maior relevância na problematização das relações sociais de gênero, visto que as mulheres vêm enfrentando o cotidiano de jornadas exaustivas e opressivas. Conciliar responsabilidades familiares e profissionais é de natureza conflituosa.

4) Saúde docente, resistências e greve virtual: Para Ferreira (2019) e Araújo e Carvalho (2009), a literatura científica revela que, os professores sofrem de distúrbios de voz, distúrbios osteomusculares e problemas relacionados à saúde mental. Assim, os autores do presente estudo alertam que devem ser adotadas medidas de vigilância sobre a saúde e o trabalho docente com a participação do próprio professorado. Além disso, sinalizam a necessidade de ações colaborativas, sob a liderança das organizações dos trabalhadores para enfrentamento às perdas de direitos e para controle da nocividade decorrente do trabalho remoto e destacam a greve virtual como uma forma de luta e resistência pela conquista da saúde. Citam a greve construída e divulgada pelo SINPROMacaé, com assembleias, reuniões coletivas e formação de comissões e rodadas de negociações, fazendo uso, integral, do meio digital de comunicação e interação; com convocação virtual, mobilização docente em redes, participação em debates *on-line* e, por fim, deliberação coletiva para paralisação da atividade laboral nas plataformas de ensino. Os autores ressaltam também, que padrões para contrapor as ações de sindicatos, convocam docentes para reunião no mesmo horário da assembleia, podendo ainda praticar assédio moral e demitir professores participantes da greve (SINPRO MACAÉ, 2020). Com a pandemia, a tecnologia impôs limites às organizações políticas docentes em relação às estratégias históricas de ação política, antes ocorridas no chão da escola, o que desafia os movimentos de greve quanto potência e criatividade. Os autores afirmam, pautando-se em Bruno et al. (2018) que está em curso um “capitalismo de vigilância”, que cria formas de resistências coletivas diferenciadas, mas sublinham que ainda é cedo para afirmar se está havendo uma transição para um novo modelo de sindicalismo, pautado em novas formas e dinâmicas de ação coletiva. A expressão de resistência de classes sociais que sofrem opressão é fundamental para a estruturação de planos de ação político-pedagógicos (FREIRE; FAUNDEZ, 2017).

Apesar do estudo analisado ser um ensaio, escrito a partir de diálogos com grupo de dirigentes sindicais e pesquisadores, cabe destacar que alguns pontos de análise elencados por eles refletem os dados levantados pelo GESE (2020):

1) mudanças no processo e na organização do trabalho:

a) espaço domiciliar em local de trabalho:

A dificuldade em adaptar-se a um contexto completamente fora do acostumado foi muito grande. Precisei encontrar minha rotina de trabalho e

afazeres domésticos, pois antes desta rotina tive muita dificuldade de conciliar este dois trabalhos [...] (Professora 108, item 6.1¹⁷, questionário, mai-ago/2020)

b) custeio do próprio material de trabalho

Celular novo, pedestal, luz. tive que adquirir e também aumentar a velocidade de minha internet. Tudo com recurso próprio.(Professor 108, item 5.2²⁸, questionário mai-ago/2020)

No caso da mesa digitalizadora foi necessário adquirir por causa da pandemia.(Professor 13, item 5.2, questionário, mai-ago/2020)

c) elementos e experiência do processo de trabalho presencial adaptados para o ERE.

Monitoramento em tempo real da evolução dos alunos, impossibilitando a visualização de um avanço pedagógico mais detalhado (letra, organização do material, construção do conhecimento etc. [...]) (Professor 73, item 6.1, questionário, mai-ago/2020)

2) Aspectos geracionais: o representante do Sindicato dos professores (SINPRO), em entrevista para o GESE (2020) também abordou uma alteração em tradicionais papeis com os professores mais jovens auxiliando os mais velhos.

[...] uma mudança que a gente percebeu professores mais velhos que geralmente eram referência quando os mais novos chegavam nas escolas, por já conhecerem as formas de trabalho, já conhecem as normas, já conhecem as burocracias internas, o jogo acaba se invertendo né? Que os professores mais novos conhecem as tecnologias e tem que ensinar os mais velhos a [...] a dar aula de novo. (Representante do SINPRO,15/07/2020).

Pinho et al. (2021) descreveram as características do trabalho remoto e a situação da saúde dos professores da vários níveis de ensino da rede particular de ensino da Bahia focando na saúde mental e qualidade do sono.

Em relação ao método é um estudo de coorte transversal e exploratório. A amostragem foi por conveniência, incluindo docentes cadastrados nos registros do Sinpro-BA. Para participar deveria ser ativo, lecionar na Bahia, estar cadastrado na lista de *e-mail* do Sinpro-BA ou na *Instagram* e demais redes: *Facebook* e *Whatsapp*. Para pesquisa foi utilizado

¹⁷ 6.1- Relate suas dificuldades e facilidades neste processo de ministrar aulas em tempos de afastamento social devido a pandemia de COVID-19 . 28 5.2 Os recursos tecnológicos que você utiliza são: No caso de outros, quais?

formulário criado no *Google Forms*. O estudo foi desenhado conforme Checklist for *Reporting Results of Internet ESurveys* (CHERRIES)¹⁸ (EYSENBACH, 2004).

No formulário havia cinco blocos de questões: 1) características sociodemográficas e do trabalho em geral; 2) características do trabalho docente no contexto da pandemia da Covid-19; 3) trabalho em casa, atividades domésticas/cuidado da família e medidas de distanciamento social; 4) situação de saúde docente, uso do *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20) avaliou os Transtornos Mentais Comuns (TMC) (SANTOS, ARAÚJO e OLIVEIRA, 2009). 5) e hábitos de vida e rotina do sono durante a pandemia. O *Mini-Sleep Questionnaire* (MSQ) avaliou a qualidade do sono (FALAVIGNA ET AL., 2011). A sobrecarga doméstica incluiu atividades domésticas com maior recorrência (PINHO; ARAÚJO, 2012).

No que tange a remodelagem da docência, 1444 professores responderam ao questionário, a maioria trabalhava em escolas de grande porte; predominância daqueles que lecionavam no Ensino Fundamental; 50% tinha carga horária de 21 a 40 horas; 56,9% tinha mais de dez anos de profissão e 50,3% trabalhava em mais de uma escola; 51,4% durante a pandemia sofreu alterações no contrato de trabalho; 98,4% estavam em trabalho remoto; dentre as principais atividades desenvolvidas: 87,9% relatou reunião com chefias e coordenações, 79,7% com colegas de trabalho e 80% aulas *on-line*; 76,8% sentiu-se sobrecarregado se comparado ao período antes da pandemia; apenas 40,8% estava satisfeito com sua carga de trabalho; 76,0% alegou aumento da insegurança e medo em relação a ficar desempregado.

No trabalho, 89,0% utilizava aplicativos como *Zoom*, *Google Hangouts* e *Skype*; 69,4% *Whatsapp* e 61,5% *emails*; ferramentas de ambientes virtuais de ensino, foram utilizadas apenas por 32,1%; 81,7% alegou que a escolha da ferramenta foi feita pela instituição, contudo somente 10,6% dos professores sentiam-se preparados para usá-las; 59,9% afirmou ter sido promovido pela escola formação/orientação sobre as ferramentas; 83,7% mesmo com as dificuldades enfrentadas inicialmente, disseram que no retorno às aulas presenciais pensavam em manter o uso de alguma ferramenta digital.

No que se refere as características de adequação do ambiente para o trabalho: 19,6% apresentava espaço físico específico, 21,7% mobiliário adequado e 17,2% adequação para nível de ruído. Em relação a equipamentos e internet: 44,5% tinha computadores e somente

¹⁸ CHERRIES é um protocolo de verificação destinado a informar como ocorreu a seleção da amostra e possíveis vieses, considerando que pesquisas *on-line* costumam ter baixas taxas de respostas, levantando questionamentos sobre sua validade e confiabilidade.

36,7% tinha banda larga adequada. No que tange às dificuldades para realização das atividades laborais: 23,5% relatou, dentre as maiores dificuldades a organização da agenda de atividades, a maioria (61,4%) disse ter tido dificuldade na execução e no planejamento das atividades à distância; 61,1% na comunicação com os alunos e 58,5% no uso de ferramentas.

Em relação ao trabalho remoto docente, a responsabilidade pelas atividades domésticas e familiares apresentaram diferenças consideráveis em relação ao gênero: 75,2% das mulheres contra 54,4% dos homens. Em relação a sobrecarga doméstica: 51,8% dos homens relatou baixa e entre as mulheres, uma tendência crescente de baixa (26,7%) para alta (42,3%). Em relação a saúde: homens com maior diagnóstico de Covid-19; em relação ao uso de medicação para lidar com a rotina de trabalho, as mulheres fazem mais uso do que os homens (32,4 mulheres, 26,3% homens); no que se refere ao humor durante o distanciamento social, mulheres sentiam-se mais impacientes e mal-humoradas (78%) do que os homens (68%); 53,7% das mulheres afirmaram sentir alguma crise de ansiedade, medo ou pânico e homens 36,1%; 19,5% das mulheres alegaram fazer uso de algum medicamento para tratar ansiedade, depressão, insônia ou estresse que não utilizava antes do distanciamento social; a situação de saúde docente de acordo com o nível de ensino que o participante lecionava apresentou diferenças sendo pior naqueles da educação infantil e do ensino fundamental 1, tanto na saúde mental (Transtorno Mental Comum 74,6% e 74,1% respectivamente) quanto na qualidade de sono ruim (85,5% e 89,0% respectivamente). Os autores ressaltam que as prevalências mais elevadas de TMC era naqueles que tinham sobrecarga doméstica alta. medo de ficar desempregado e não estava capacitado para o uso de ferramentas digitais.

Assim, os autores destacam que o remodelar do exercer o ofício docente somado a vida familiar produziram danos à saúde física e mental do professorado. Elevada prevalência de Transtorno Mental Comum, pouco tempo diário de descanso e qualidade de sono ruim em altas proporções caracterizam-se em situações de saúde identificadas no estudo em análise.

Outro ponto, é o fato de 3/4 dos participantes terem relatado aumento de insegurança e medo de desemprego. A lei n 4.120/2020 instituiu o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego no setor privado da economia no Brasil durante a pandemia, autorizou a redução proporcional da jornada de trabalho e de salário e a suspensão temporária de contrato (BRASIL, 2020), e ainda segundo os autores, devido a uma brecha na legislação citada, os recursos materiais, treinamento e capacitação em relação ao uso de tecnologias recaíram sobre os professores. Dessa forma, mais responsabilidades de cunho material, técnica e de custos associaram-se aos riscos e perdas de direitos trabalhistas, acarretando em maior

sensação de vulnerabilidade e ausência de amparo da lei (BERNARDO; MAIA; BRIDI, 2020).

O estudo analisado também evidenciou a disparidade no que tange as tarefas domésticas em relação a homens e mulheres, as últimas continuaram sendo responsáveis pela sua realização durante a pandemia. Assim, as variáveis que dificultam o trabalho remoto são múltiplas e se interrelacionam com outras relacionadas a divisão social e sexista do trabalho.

Os aplicativos de videoconferência estão entre os mais utilizados no período de aulas remotas. Contudo, a maior parte do professorado, que participou da pesquisa em análise, não se sentiu apto para usar as ferramentas e relatou que a escola, na maior parte da vezes, determinou a ferramenta a ser utilizada, exigindo-lhes habilidades e conhecimentos novos. A partir disso, os autores deste estudo destacam o “tecnoestresse”¹⁹. Apesar de não ser consensual sua conceituação/abrangência, afirma-se que a inabilidade em lidar com as TICs pode produzir alto nível de ativação psicofisiológica que, tende a mobilizar sentimentos negativos e desconforto. Isto é, correspondente a um conjunto de sintomas associados ao excesso de informação e demandas psíquicas (ALEVATO, 2009). As altas exigências de trabalho com base no uso de tecnologias e a falta ou insuficiência de recursos tecnológicos compatíveis (SALANOVA SORIA, 2003).

Em relação ao estudo analisado, é possível traçar um paralelo com o do GESE (2020), tendo em vista que investigaram as condições de trabalho em que o professor era submetido, porém no estudo de Pinho et al. (2021) foram investigadas as condições laborais a fim de correlacioná-las com a qualidade do sono e a saúde destes profissionais, uma particularidade também foi a inclusão de profissionais do ensino superior na amostra, o que não ocorreu no GESE (2020). De modo geral os estudos discutiram aspectos similares, já pontuados com dados levantados pelo GESE (2020): questão do gênero, sobrecarga, conciliação de tarefas domiciliares e laborais entre outros.

Todavia, cabe destacar dado levantado tanto pelo GESE (2020) quanto por Pinho et al. (2021): a insegurança e o medo do desemprego. Apesar de apenas 2,7% dos respondentes do questionário do GESE (2020) terem sinalizado que uma de suas maiores preocupações era perder o emprego, não deixa de ser um dado relevante, que também apareceu na fala de um dos professores entrevistados e no questionário da seguinte forma, respectivamente:

¹⁹ O conceito foi proposto na década de 1980 para definir uma enfermidade de adaptação decorrente da baixa habilidade para lidar, de maneira saudável, com as novas tecnologias. Ganhou relevo nos últimos anos com a intensificação do uso das tecnologias em velocidade e quantidade sem precedentes (CARLOTTO;CAMARA, 2010).

[...]Muitos às vezes veem uma ferramenta, e vai utiliza na aula, e passa pela coordenação, mas não compartilha. Então, não existe, nem sempre existe essa a... (pausa) Esse trabalho em equipe. Então, as coisas têm sido muito individuais. Só aquela coisa de todo mundo querer manter o emprego. Então, o trabalho que muitos fazem é para a Coordenação e para a direção e não com os colegas e para os alunos. (Professor Jorel, entrevista,18/06/2020)

Cansaço, cobrança desmedida, desvalorização do trabalho, dificuldade de cativar os alunos, falta de autonomia, interferência da gestão ao participar das aulas, sentimento de frustração profissional e exaustão psicológica, além da insegurança sobre continuidade, devido à crise financeira das instituições. Em âmbito público, sentimento de exclusão, já q mts profs não têm aparelhagem e conhecimento exigidos, além de a maioria dos alunos serem alijados do processo educativo. (Professor 9, item 6.1²⁰, questionário, maio/2020)

Em suma, diante do exposto, sublinha-se que todos os estudos analisados destacaram um aprofundamento da precarização do trabalho docente, que já existia antes da pandemia. Essa situação é ainda mais preocupante porque de certa forma, com o ERE, a categoria pode ter sido submetida a retrocessos em relação a sua valorização, tendo que lidar com processo de exploração de seu trabalho, como é o caso da “uberização” mencionada nos estudos de Souza et al. (2021) e Prevatalli e Fagiani (2022), que se fortificou ainda mais com as aulas *on-line*.

Outro ponto que merece ser destacado é a “superconexão laboral”, termo presente no estudo de Souza et al. (2022) e o “tecnoestresse”, citado no estudo de Pinho et al. (2021). De acordo com Almeida (2017) “a superconexão laboral” pode trazer riscos psicossociais a saúde do trabalhador. O “tecnoestresse” está relacionado a falta de habilidade com as TICs, que pode produzir alto nível de ativação psicofisiológica que, tende a mobilizar sentimentos negativos e desconforto, o que corresponde a um conjunto de sintomas associados ao excesso de informação e demandas psíquicas, (ALEVATO, 2009), o que foi experienciado pelos professores com base nos estudos analisados e nos dados da pesquisa do GESE (2020).

Os docentes eram submetidos a muitas exigências laborais com o uso da tecnologia e os recursos tecnológicos compatíveis com as demandas que eram, muitas vezes, insuficientes ou ausentes. Os dados citados evidenciam que muitos professores tiveram que adquirir equipamentos e a realidade de alguns, era, inclusive, o seu compartilhamento com outros familiares.

²⁰ Relate suas dificuldades e facilidades neste processo de ministrar aulas em tempos de afastamento social devido a pandemia de COVID-19 .

5. CONSIDERAÇÕES

Os estudos analisados corroboram os dados levantados pelo GESE (2020), visto que apontam condições inadequadas de trabalho durante a pandemia, com sobrecarga laboral, sobretudo, para o gênero feminino, monitoramento do trabalho, exigências laborais, remodelagem pedagógica e conforme Silva et al (2021), pouca satisfação com o trabalho durante a pandemia. Estes aspectos devem ser refletidos, visto que são considerados fatores de risco para o adoecimento do professorado, e ainda deve ser considerado que atualmente, com a retomada as atividades presenciais, pode estar em sala de aula, um público possivelmente adoecido.

Por fim, à luz dos dados trazidos neste artigo, ressalta-se que o professor durante a pandemia parecia, de fato, passar por um processo de “desidentificação” (PINHO et al., 2021) com a perda de sua identidade diante do novo modelo de ensino e alienação de seu trabalho, pois além de não se reconhecer mais, também não tinha controle de seu próprio labor.

Diante do exposto, faz-se necessário estudos em relação a saúde do professor e propostas de intervenção e prevenção aos fatores de risco para sua saúde. A adoção de medidas de vigilância em relação a saúde desses profissionais é uma forma de protegê-la. De acordo com Souza et al. (2021) os professores precisam pensar em novas formas de resistência e organização coletiva, como a greve virtual e não desistir pela luta de melhores condições de trabalho, o que vai na contramão da uberização.

Inicialmente, fez-se pesquisa em outras bases de dados, como a Redalyc e a Lylacs, mas o número de estudos era muito alto para o curto espaço de tempo para elaboração do trabalho de conclusão de curso. Sabe-se que o ideal é realizar revisão integrativa com pelo menos três bases de dados, mas diante do curto espaço de tempo isso não foi possível. Desse modo, optou-se por realizar a revisão em uma única base e traçar um paralelo com a pesquisa realizada pelo GESE (2020).

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, L. Uberização traz ao debate a relação entre precarização do trabalho e tecnologia. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos ON-LINE**, São Leopoldo, RS, nº. 503, ano XVII, p. 2028, abril, 2017.
- ALEVATO, H. Tecnoestresse: entre o fascínio e o sofrimento. **Boletim Técnico do Senac: a revista da educação profissional**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, p. 60-75, dez. 2009. Disponível em: <https://bts.senac.br/bts/article/view/238/221>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- ALMEIDA, C. V. G. O trabalho no modo remoto e a liberdade falseada: a tecnologia que escraviza. **Rev Trab Acad.** v.1, n 2, p.1-6, 2017.
- ALVES, T.; PINTO, J. M. Remuneração e Características do Trabalho Docente no Brasil: um aporte. **Outros Temas**, v. 41 n.143, p. 606-639, maio/ago 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v41n143/a14v41n143.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2019.
- AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L.; Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Rev. Sessões Imag. Cin. Cibercult. Tec. Imag.** v. 1, n. 35, p. 34-40, 2008.
- ANDRADE, R. C. A educação brasileira e a pandemia: breve olhar conjuntural. **Le monde diplomatique Brasil**, São Paulo, 21 maio 2020 . Disponível em: <https://diplomatique.org.br/aeducacao-brasileira-e-a-pandemia-breve-olhar-conjuntural/>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- ARAÚJO, T. M.; CARVALHO, F. M. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n.107, p. 427-449, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313702007>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- ARANDA, M. del C. de la T. Interação colaborativa na graduação em língua francesa: uma experiência de educação online em tempos pandêmicos. **Delta**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 1-28 , 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202156106>. Acesso em 22 de jul. 2022.
- BARBOSA, R. E. C.; ASSUNÇÃO, A. A.; ARAÚJO, T. M. Musculoskeletal pain among healthcare workers: an exploratory study on gender differences. **American Journal of Industrial Medicine**, v 56, n. 10, p. 1201-1212, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250920489_Musculoskeletal_pain_among_healthcare_workers_An_exploratory_study_on_gender_differences. Acesso em: 12 jun. 2022
- BARRETO, R. G. A escola entre os embates na pandemia. **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 42, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.243136>. Acesso em: 13 jun. 2022.
- BERNARDO, K. A. S.; MAIA, F. L.; BRIDI, M. A. As configurações do trabalho remoto da categoria docente no contexto da pandemia Covid-19. **Novos Rumos Sociológicos**, Pelotas, v. 8, n. 14, p. 8-39, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/NORUS/article/view/19908>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BIMBATI, A. C. Qual é a situação dos professores brasileiros durante a pandemia?. **Nova Escola**, [s.l.], 1 jul. 2020. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/19386/qual-e-a-situacao-dos-professores-brasileiros-durante-a-pandemia> . Acesso em: 28 jun. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Medida Provisória N° 934, de 1° de abril de 2020**. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei n° 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20192022/2020/Mpv/mpv934.htm. Acesso em: 20 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Economia. Legislação da Presidência da República. **Medida provisória n° 936, de 01 de abril de 2020**, Brasília: Ministério da Economia, 2020. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/827351622/medida-provisoria-936-20>. Acesso em: 22 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n. 544 de 16 de junho de 2020** . Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19. 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872> . Acesso em: 10 jul. 2022.

BRASIL. **Portaria n° 343, de 18 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo corona vírus- COVID-19. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 18 mar. 2020. Disponível em: www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376. Acesso em: 22 jun. 2022.

BRUNO, F.; CARDOSO, B.; KANASHIRO, M. M.; GUILHON, L. ; MELGAÇO, L. (Orgs.) **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo editorial, 2018.

CANGUILHEM G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2012.

CARUSO, L. Digital Innovation and the Fourth Industrial Revolution: epochal social changes? **AI & Soc.** v. 33, n. 1, p. 379–392. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00146-017-0736-1>. Acesso em: 12 jun. 2022.

CUADRADO, A. M. M.; SÁNCHEZ, L. P.; TORRE, M. J. de la. Competências digitais de docentes em ambientes universitários baseados no Digcomp. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.75866>. Acesso em: 22 jul. 2022.

DELTELL, L.; CLAES, F. Conhecimento livre em tempos de pandemia. Estudos dos artigos sobre “Covid-19” e “Pandemia por Covid-19” em Wikipédia. **Interface, Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 25, Supl. 1, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.200329>. Acesso em: 22 jul. 2022.

EYSENBAACH, G. Improving the quality of web surveys: the Checklist for Reporting Results of Internet E-Surveys (CHERRIES). **Journal of Medical Internet Research**, v. 6, n. 3, e34, set. 2004. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15471760/>. Acesso em: 7 jul. 2022.

FALAVIGNA, A.; et al. Consistency and reliability of the Brazilian Portuguese version of the MiniSleep Questionnaire in undergraduate students. **Sleep and Breathing**, v. 15, n. 3, p. 351-355, set. 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20652835/>. Acesso em: 5 jun. 2022.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2016.

FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Rev. Bras. Saúde Ocup.**, v. 35, n. 122, p. 229-48, dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S030376572010000200006>. Acesso em 06 jul. 2022.

FRANCO, L. C.; MONTEIRO, P. S. Padrão do consumo de álcool e tabaco entre os professores universitários. **Rev. Baiana Enferm.** Salvador. v. 30, n. 2, p. 1-11. abr/jun. 2016. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/7d01/9914483f9e00e472cc42c12544a2b6d6afcf.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2022.

FERREIRA, L. G. **Professores da zona rural em início de carreira: narrativas de si e desenvolvimento profissional** [tese]. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2014.

FERREIRA, L. L. Lições de professores sobre suas alegrias e dores no trabalho. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, 2019. Suplemento 1:e00049018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00049018>. Acesso em: 18 jun. 2022.

FERREIRA, M. G.; FERREIRA, K. H. G.; SOUZA, C. R. P. de; ORTIZ, P. C. de A.; ALMEIDA, R.G. dos S.; SILVA, A. D. da M. Projeto Terapêutico Singular no manejo de casos complexos: relato de experiência no PET-Saúde Interprofissionalidade. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, n. 1, p.1-9, Brasília, 2022,. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.120210260.ING>. Acesso em: 13 jun. 2022.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GESTRADO. GRUPO DE ESTUDOS SOBRE POLÍTICA EDUCACIONAL E TRABALHO DOCENTE. Relatório Técnico Trabalho Docente em Tempos de Pandemia. Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://gestrado.net.br/pesquisas/trabalho-docente-em-tempos-de-pandemia-cntecontee-2020/>. Acesso em: 25 jun. 2022.

GUIMARÃES, B.; CHIMENEZ, T.; MUNHOZ, D.; MINIKOVSKI, H. Pandemia de COVID-19 e as atividades de ensino remotas: riscos ergonômicos e sintomas musculoesqueléticos dos docentes do Instituto Federal Catarinense. **Fisioterapia e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p.:96-102, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fp/a/bXVHPYBZyRq7wp6DB4GY8dM/?format=pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.

GONÇALVES, R.; SOUZA, E. A. D. Somos todos youtubers? Indústria 4.0 e precarização do trabalho docente em tempos de pandemia. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 144, p.

1-19, mai-set., 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.279>. Acesso em: 17 jul. 2022.

GOTTI, A. Piso salarial para professor: ele existe, mas nem todo mundo paga. **Nova Escola**, [s.l.], 7 out. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/18450/piso-salarial-ele-existe-masnem-todomundo-paga>. Acesso em: 25 jun. 2022.

GOTTMAN, J. M.; SILVER, N. **The seven principles for making marriage work**: a practical guide from the country's foremost relationship expert. New York: Three River Press, 2007.

HYPOLITO, Á. M.; VIEIRA, J. S. ; PIZZI, L. C. V. Reestruturação curricular e autointensificação do trabalho docente. **Currículo sem Fronteiras**, v. 9, n. 2, p. 100-112, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2009/vol9/no2/6.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

IBGE. INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Desemprego. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php> Acesso em: 15 jun. 2022.

LIMA, R. C. Distanciamento e isolamento sociais pela COVID-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/nyq3wrt8qpWFsSNpbgYXLWG/>. Acesso em: 17 de jun. 2022.

MAINARDES, J. Abordagem ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 47-69, jan./abr. 2006.

MARTINS, E. B.; SCHMITT, J.; ALVES, A. Saúde docente: o possível impacto das condições de trabalho no ensino remoto emergencial. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 28, n. 2, p. 508-533, abr. 2022. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/11804>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MELO, G. L. de; BRAZACA, L. C.; SILVA, L. F. Modalidade de ensino remoto em tempos de pandemia: opinião de um grupo de estudantes de Física. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, São Paulo, v. 44, p. 1-5, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9126-RBEF-20210431>. Acesso em: 13 jun. 2022.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, v. 20, n. 26, s/p. jan. 2020.

OLIVEIRA, A. L. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de COVID-19. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 16, n. 1, ed. especial, p. 154-166, 2020. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448/33479>. Acesso em: 14 jul. 2020.

PERLA, A. S. Cefaléias: diagnósticos diferencial. In: CHAVES, M. L. F. ; FINKELSZTEJN, A.; Stefani, M. A. (Orgs.). **Rotinas em neurologia e neurocirurgia**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 128-143.

- PEREIRA, R. C. M.; LEITE, E. G.; LEITE, F. E. G. Formação de professores no contexto pandêmico: reconfigurações do agir docente por alunos de graduação no estágio supervisionado no ensino remoto emergencial. **Delta**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202156059>. Acesso em: 22 de jul. 2022.
- PESSOA; A. R. R.; MOURA, M. M. M.; FARIAS, I. M. S. de. A composição do tempo social de mulheres professoras durante a pandemia. **Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer - UFMG**, Belo Horizonte, v. 24, n. 01, mar. 2021.
- PINHO, P. S.; ARAÚJO, T. M. Associação entre sobrecarga doméstica e transtornos mentais comuns em mulheres. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 560-572, set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/dxHcftTBL5b8P5YcXmwFwGG/?lang=pt>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- PINHO, P. de S.; FREITAS, A. M. C.; CARDOSO, M. de C. B.; SILVA, J. S. da; REIS, L. F.; MUNIZ, C. F. D.; ARAÚJO, T. M. de. Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, 2021, e00325157. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00325>. Acesso em: 29 jul. 2022.
- PRATA, J.A.; MELLO, A. S. de; SILVA, F. V. C. e; FARIA, M. G. de A. Mediações pedagógicas de ensino não formal da enfermagem durante a pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 73, suppl. 2, p. 1-5, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/00347167-2020-0499>. Acesso em: 22 jul. 2022.
- PREVITALI, F. S.; FAGIANI, C. C. Trabalho docente na educação básica no Brasil sob indústria 4.0. **Revista katálysis**, v. 25, n. 1, p. 1-10, Jan-Apr 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e82504>. Acesso em: 29 jul. 2022.
- PREVITALI, F.; FAGIANI, C. Trabalho digital e educação no Brasil. *In*: ANTUNES, R. (org). **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- PREVITALI, F. S.; FAGIANI, C. C. Trabalho e Educação sob o Coronavírus no Brasil. *In*: LUCENA, C.; PREVITALI, F.; BRETTAS, A. (Orgs.). **Pandemia Covid-19: a distopia do século XXI**. Uberlândia: Navegando, 2020. p. 123 -136.
- PONTES, F. R.; ROSTAS, M. H. S. G. Precarização do trabalho do docente e adoecimento: covid19 e as transformações no mundo do trabalho, um recorte investigativo. **Rev Thema**. v. 18, n. Esp., p. 278-300, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1923>. Acesso: 25 jun. 2022.
- RASMITADILA, A. R. R.; RACHMADTULLAH, R.; SAMSUDIN, A.; SYAODIH, E.; NURTANTO, M.; TAMBUNAN, A. R. S. The perceptions of primary school teachers of online learning during the COVID-19 pandemic period: a case study in Indonesia. **Journal of Ethnic and Cultural Studies**, v. 7, n. 2, p. 90-109, jul. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342694914_The_Perceptions_of_Primary_School_Teachers_of_Online_Learning_during_the_COVID-19_Pandemic_Period_A_Case_Study_in_Indonesia. Acesso em: 20 jul. 2022.

RABELO, A. O. A remuneração do professor é baixa ou alta? Uma contraposição de diferentes referenciais. **Educ. Rev.** Belo Horizonte, MG, v. 26, n. 1, p. 57-87, abr. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100004>. Acesso em 05 jul. 2022.

RODRIGUES, A. M. S. et al. A temporalidade social do trabalho docente em universidade pública e a saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, p. 1.829-1.838, maio 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.33222019>. Acesso em: 15 jun. 2022.

RODRIGUES, R.R. A ciência subordinada: coronavírus e a política científica no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 4, p. 1-6, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702021005000013>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SALANOVA, S. M. Trabajando con tecnologías y afrontando el tecnoestrés: el rol de las creencias de eficacia. **Revista de Psicología del Trabajo y de las Organizaciones**, Madri, v. 19, n.1, p. 225247, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2313/231318057001.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SALAS-RUEDA, Ricardo-Adán; RAMIREZ-ORTEGA, J.; ESLAVA- CERVANTES, Ana Lúbia; CASTAÑEDA-MARTÍNEZ, R.; DE-LA-CRUZ-MARTÍNEZ, G. Percepção dos professores sobre jogos da web e dispositivos móveis no nível educacional superior durante a pandemia de COVID-19. **Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 15, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1983-3652.2022.37074> . Acesso em: 20 jul. 2022.

SANTOS, G. B. dos; SOUZA, K. R. de; RODRIGUES, A. M. dos S.; GOMES, L.; FELIX, E. G.; ARAÚJO, L. M. de; COSTA, J. L. da. Comunidade Ampliada de Pesquisa em ambiente virtual (CAP on-line) sobre trabalho e saúde docente. **Saúde debate**, v. 46, n. 132, p. Jan-Mar, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202213217>. Acesso em: 29 jul. 2022.

SANTOS, K. O. B.; ARAÚJO, T. M.; OLIVEIRA, N. F. Estrutura fatorial e consistência interna do Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) em população urbana. **Cadernos de Saúde Pública** , Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 214-222, jan. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/t3wtqWdVhH5ty7kfbwwNQ6s/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2022.

SCHMITT, J. C.; MACHADO, M. R. P.; MARTINS, E. B. de A. Reflexões sobre o processo ensino-aprendizagem e a interação professor-aluno no ensino remoto emergencial. *In*: Kistemann Jr., M. A.; FARIA, F. S. C. (Orgs.). **Pandebok: Cabeças pensantes na pandemia**. Taubaté (SP): Akademy editora, 2022, vol. 3, p. 127-163.

SLEE, T. **Uberização: a nova onda do trabalho precarizado**. São Paulo: ed. Elefante, 2017.

SILVA, J.; FISHER, F. Invasão multiforme da vida pelo trabalho entre professores de educação básica e repercussões sobre a saúde. **Revista Saúde Pública**. São Paulo, v. 54, n. 3, p.1-8, 2020. Disponível em: <https://rsp.fsp.usp.br/artigo/invasao-multiforme-da-vida-pelo-trabalho-entrepessoes-de-educacao-basica-e-repercussoes-sobre-a-saude/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

SILVA, R.R.V.; BARBOSA, R.E.C.; SILVA, N. S. S. e; PINHO, L. de; FERREIRA, T. B.; MOREIRA, B.B.; BRITO, M. F. S. F; HAIKAL, D. Sant'Ana. Pandemia da COVID-19: insatisfação com o trabalho entre professores(as) do estado de Minas Gerais, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 12, p.1-12, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212612.10622021>. Acesso em 20 jul. 2022.

SINDICATO DOS PROFESSORES DE MACAÉ E REGIÃO (SINPRO MACAÉ). Sinpro Macaé e Região repudia as demissões dos professores que decidiram não assinar o acordo proposto pela CNEC . 21 jul. 2020. Disponível em: <http://www.sinpromacae.com.br/nota-de-repudio-cnecdemite-professores-da-faculdade-cenecista-de-rio-das-ostras-facro/>. Acesso em: 17 jul. 2022. » <http://www.sinpromacae.com.br/nota-de-repudio-cnec-demite-professores-da-faculdadecenecista-de-rio-das-ostras-facro/>

SOUZA, K. R.; BRITO, J. C. Sindicalismo, condições de trabalho e saúde: a perspectiva dos profissionais da educação do Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 379-388, 2012 . Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000200012>. Acesso em: 13 jun. 2022.

SOUZA, K. R.; RODRIGUES, A. M. S.; SANTOS, M. B.M., FELIX, E. G.; BARBOSA, R. H. S.; FERNANDEZ, V. S.; BARROS, W. de O. Oficinas em saúde do trabalhador: ação educativa e produção dialógica de conhecimento sobre trabalho docente em universidade pública. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. v. 45, n. e4, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369000015818>. Acesso em: 05 jul. 2022.

SOUZA, K. R.; SANTOS, G. B.; RODRIGUES, M.; FELIX, E. G.; GOMES, L.; ROCHA, G.L.;

CONCEIÇÃO, R. C. M.; ROCHA, F. S.; PEIXOTO, R. B. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, n. e00309141,p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00309>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SOUZA, K. R. de; SANTOS, G. B. dos; RODRIGUES, A. M. dos S.; FELIX, E. G.; GOMES, L. Diários de professores(as) na pandemia: registros em cadernetas digitais de trabalho e saúde. **Interface, Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 26, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.210318>. Acesso em: 13 jun. 2022.

SOUZA, A. N. de. Professores, Modernização e Precarização. *In*: ANTUNES, R. (Org). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil II**. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 217- 228.

SOUZA, J. B. de; HEIDEMANN, I. T. S. B.; BRUM, C. N. de; WALKER, F.; SCHLEICHER, M. L. ARAÚJO, J. S. Vivências do trabalho remoto no contexto da covid-19: reflexões com docentes de enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 26, e77243, p. 1-12. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/ce.v26i0.77243> Acesso em: 22 jul. 2022.

SCHWAL, M. A. Confinamento e retorno às aulas na Argentina: histórias de professores sobre desigualdade em uma pandemia. **Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 15, p. 1-11, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1983-3652.2022.38009>. Acesso em: 20 jul. 2022.

TROITINHO, M. da. C. R.; SILVA, I. B. D.; SOUSA, M. M.; SANTOS, A. D. da S.; MAXIMINO, C. Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da

Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00331>. Acesso em: 22 de jun. 2022.

VALLE, L.; BOHADANA, E. D'Alva B. Sobre interatividade: do neologismo à construção do conceito. *In*: Valle L. (Org.). **Filosofia da Educação a distância: conceitos e concepções**. Curitiba: Appris Editora; 2017.

VENCO, S. Uberização do trabalho: um fenômeno de tipo novo entre os docentes de São Paulo, Brasil? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35. n. Supl 1, p. 1-17, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v35s1/1678-4464-csp-35-s1-e00207317.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.

APÊNDICE
Descrição dos estudos

autores	objetivo	método/Instrumento	amostra	resultados
Prevatalli e Fagiani (2022)	analisar o trabalho docente na educação básica no Brasil, a partir de 2020, com a instauração da covid19 em meio à difusão do teletrabalho no bojo da Indústria 4.0, sob o aprofundamento do Neoliberalismo e da Nova Gestão Pública (NGP)	Estudo bibliográfico. Análise de documentos; relatórios de pesquisas, dados do IBGE e do INEP	-	difusão do teletrabalho sob o neoliberalismo e a NGP, implicando no aprofundamento da já precarizada carreira do profissional docente sob a pandemia
Souza et al. (2022)	problematizar aspectos do processo de trabalho de professores da educação básica do RJ no contexto de pandemia e sua relação com a saúde, através de registros diários por meio de cadernetas digitais	Pesquisa social de cunho qualitativo e de natureza participativa. técnica de análise temática, em dois blocos 1) análise do processo de trabalho (remoto) 2) saúde, comorbidades pregressas e resistências coletivas	8 profs. de redes pública e particular de ensino	professores vivenciaram o aprofundamento de formas de opressão, precarização e intensificação do trabalho
Silva et al. (2021)	verificar a prevalência e fatores associados à insatisfação com o trabalho docente entre profs. da rede pública estadual de educação básica de MG durante o Covid-19	Estudo Empírico; Inquérito epidemiológico do tipo websurveys, via formulário digital; A variável dependente foi a satisfação com o trabalho durante a pandemia, sendo os satisfeitos a categoria de referência. Uso Regressão Logística Multinomial	15.641 professores de 795 municípios; 81,9% era do sexo feminino, 97,4% tinha até 60 anos e 59,5% tinha renda familiar entre três e cinco salários mínimos; 62% relatou mais de 10 anos de atuação docente e 54% era concursado/efetivos	a satisfação c/trabalho: 21,6% estava satisfeito; 44,7% indiferente e 33,7% insatisfeito. As chances de estarem insatisfeitos foram maiores entre aqueles sem cônjuge, para aqueles com maior tempo de docência, com dificuldade em atividades remotas, sem posse de computador, para os tabagistas e em uso de bebida alcoólica, sedentários e atividade de lazer ausente. Mudanças no sistema educacional diante da pandemia impactaram sua rotina, contribuindo para a insatisfação c/ trabalho

<p>Souza et al. (2021)</p>	<p>problematizar mudanças ocorridas no trabalho de professores da rede particular de ensino no contexto de pandemia e sua relação com a saúde</p>	<p>estudo teórico (ensaio) - pontos de análise e problematização: trabalho docente em tempos de isolamento social; mudanças no processo e na organização do trabalho; aspectos geracionais e questões de gênero; saúde docente, resistências e greve virtual.</p>		<p>o tipo de atividade de ensino, não presencial, por meio de plataformas e outros recursos digitais, se constituiu como uma configuração atual do trabalho que se aprofundou na pandemia e fez uso exacerbado da tecnologia, articulando novos modos de controle, extração de sobretrabalho e do mais-valor social.</p>
<p>Pinho et al. (2021)</p>	<p>descrever características do trabalho remoto, situação de saúde mental e qualidade de sono na pandemia da Covid-19 em docentes da Bahia.</p>	<p><i>websurvey</i>, seguindo protocolo CHERRIES</p>	<p>1.444 profs. de todos os níveis de ensino da rede particular da BA</p>	<p>51,4% alterações no contrato de trabalho; 76,8% aumento da jornada laboral. domicílio e equipamentos com baixo nível de adequação ao trabalho remoto: espaço físico (19,6%), mobiliário (21,7%), nível de ruído (17,2%), computadores (44,5%) e internet banda larga (36,7%). 42,3% mulheres sobrecarga doméstica alta e homens, 17,4%. As mulheres apresentaram situação de saúde preocupante, destacando-se crises de ansiedade (53,7%), mau humor (78,0%), Transtornos Mentais Comuns (69,0%) e qualidade do sono ruim (84,6%).</p>

Santos et al. (2022)	descrever a trajetória da Comunidade Ampliada de Pesquisa, adaptada para o ambiente virtual (CAP on-line), como parte da pesquisa que buscou examinar as novas exigências do ensino remoto e suas implicações para a saúde dos professores	de natureza qualitativa, parte da perspectiva da antropologia participante e da etnografia. adotou como estratégia metodológica a Comunidade Ampliada de Pesquisa, adaptada para o ambiente virtual (CAP online) e realizadas três oficinas com a participação de professores do Ensino Fundamental e Médio.	1ª oficina: 3 professores, 5 pesquisadores e 2 sindicalistas. 2ª oficina: 2 professores, 5 pesquisadores e 1 sindicalista. 3ª oficina: 6 professores, 5 pesquisadores e 2 sindicalistas.	o processo de pesquisa tem correlações com os próprios resultados do estudo, especialmente no que se refere aos novos aprendizados trazidos pelo ensino remoto.
----------------------	--	--	--	---